

CURSO INTENSIVO 2022

Prática redação de texto ITA 2022

**Introdução:
Teoria e Prática**



Prof. Wagner Santos



Sumário

APRESENTAÇÃO	3
1 REPERTÓRIO	3
2 ANÁLISE SOCIAL	5
Modernidade líquida	5
Exemplos de aplicação	6
3 INTRODUÇÃO	9
Tipos de contextualização	12
Comparação	13
Dados científicos	14
Definição	15
Referência histórica	15
EXERCÍCIOS: INTRODUÇÃO	16
Exercício 01	17
Exercício 02	20
Exercício 03	23
Exercício 04	25
Exercício 05	29
Exercício 06	34
PROPOSTAS	37
Proposta I	37
Proposta II	40
Proposta III	43
Proposta IV	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52

Apresentação

Voltamos, bolas de fogo.

Na aula de hoje, vamos começar os nossos estudos da estrutura do texto. Na realidade, a estrutura é conhecida de vocês intimamente, não é mesmo? A ideia de que separamos o texto em **introdução**, **desenvolvimento** e **conclusão** é básica para vocês e para todos nós.

Vamos separar o nosso estudo por essas partes, para que tenhamos a compreensão de como é que as coisas funcionarão em nossa vida com relação à dissertação-argumentativa, o texto mais básico dos exames em todos os níveis.

Hoje, então, vamos olhar para a relação da **introdução** pensando que precisamos de uma contextualização. É uma estrutura que vamos apresentar por aqui para que você possa detonar na sua redação.

Começaremos nossos estudos por meio das seguintes contextualizações:

- Comparação
- Dados científicos
- Definição.
- Referência histórica

Temos, claro, a noção de que essas são algumas formas de contextualização. Contudo, são as mais utilizadas e, por isso, achamos interessante que vocês se prenam a elas e treinem. Vou sempre dizer que o treinamento é essencial para que sua produção de texto seja o mais eficiente possível, auxiliando na construção da nota máxima.

Inclusive, sempre digo isso: **miremos na nota máxima**, porque quanto mais alto miramos, por mais que tenhamos alguns probleminhas no texto, a nossa nota continua alta. Beleza?

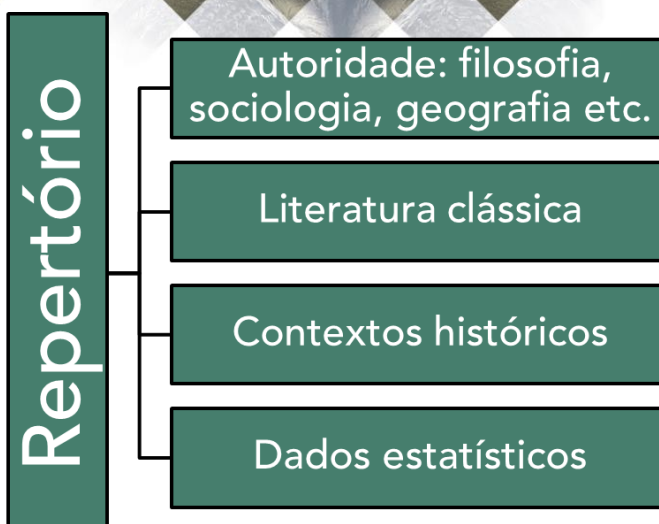
Então vamos lá!

1 Repertório

É inegável que, para que possamos produzir um texto excelente, necessitamos de **repertório**. Como sempre, é interessante notar que esse nome se tornou mais conhecido a partir das ideias trazidas pelo ENEM, e essa nomenclatura não altera em nada aquilo que você sempre soube: **é necessário comprovar os nossos argumentos sempre**. Ainda que chamemos de informatividade, base argumentativa ou repertório, o final é o mesmo.

Entendemos, antes de entrar em nossa análise social, que podemos colocar como repertório uma série de elementos que vamos adquirindo no decorrer de nossa vida. Bora ver:

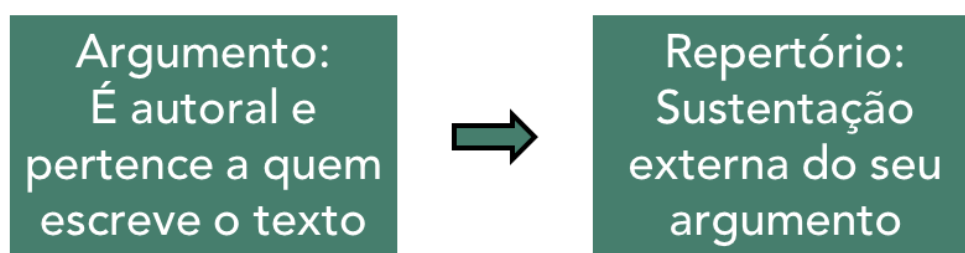




Esse repertório é essencial, claro, para a sustentação de argumentos. Esses argumentos aparecerão, claro, em seu desenvolvimento, sobre o qual falaremos a partir da próxima aula. Contudo, como desejamos já apresentar análises sociais que podem auxiliar você na construção de conhecimento, preferimos já deixar claro o que seria esse repertório válido.

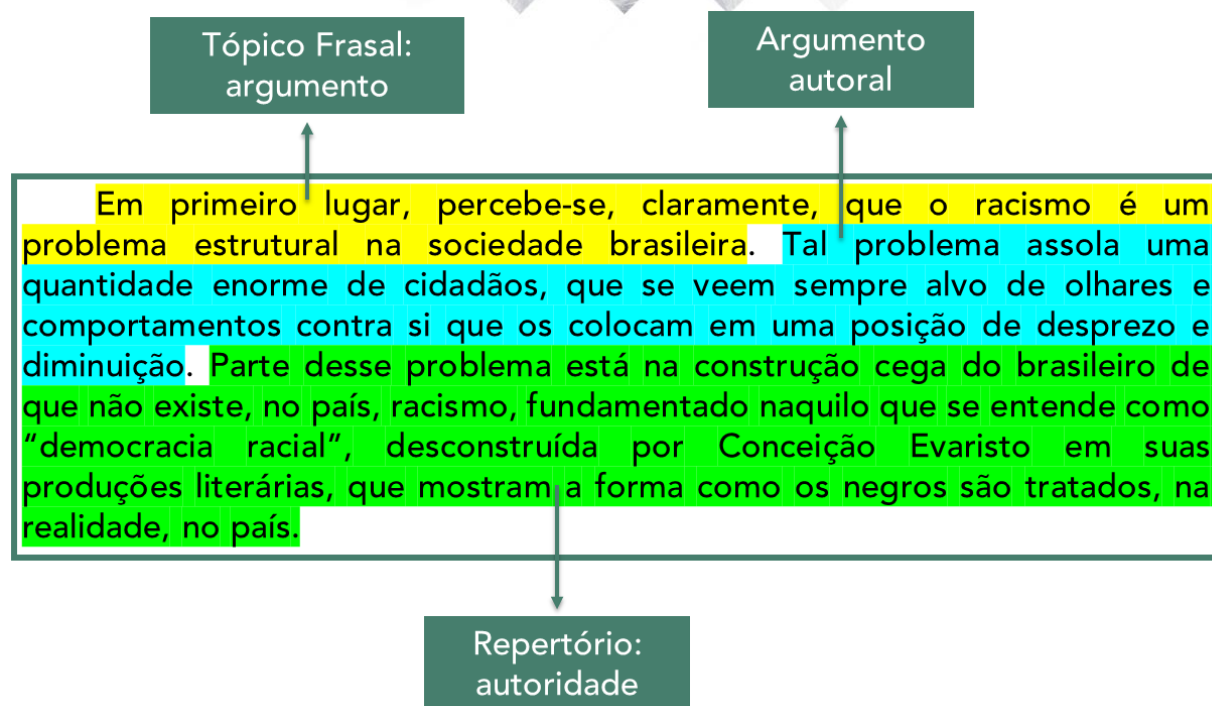
Dessa forma, apresentamos os quatro tipos de repertório mais comuns nas redações. É claro que somente a presença do repertório não garante que seu argumento seja um bom argumento. Temos que pensar, claro, que teremos a necessidade de desenvolvê-lo no argumento, de forma a servir, realmente, de comprovação das suas ideias. Mas já comece a pensar neles como formas interessantes de comprovação.

Ouçoo muito por aí a ideia de que o único repertório válido é o de autoridade, muito fundamentado no que dizem a respeito do ENEM. Contudo, o que nos importa é que seu repertório seja aproveitado e não somente colocado no texto. Destaco, novamente, que ainda falaremos dessa construção de uma forma mais profunda nas próximas aulas, contudo, já adiantarei um exemplo e um esqueminha, visto que quero que você produza muito a partir de agora.



O que quero dizer com a ideia de que o argumento é autoral? Quero dizer que é literalmente seu, é o que você apresenta. Seu argumento não é o seu repertório, ainda que possa “sair” dele. Perceba que você fundamentará o seu argumento por meio do repertório e não o contrário. Veja o exemplo a seguir para já aplicar na sua redação. Nas duas próximas aulas, prometo que falarei mais umas três mil vezes (olha a hipérbole aí) sobre isso.





2 Análise social

Nessa seção, não estamos apresentando, importante dizer, propostas e temas de redação, mas repertórios que, desde agora, já podem auxiliar vocês na construção dos seus argumentos. São formas de pensar interessantes e de importantes pensadores, contemporâneos ou não, que vão servir de base interessante para sua construção textual. Entenda, inclusive, que essa análise surge de pesquisas que fazemos. Não sou formado em sociologia, ainda que um grande entusiasta dessa forma de pensar intelectual.

Nesta aula, apresentaremos uma das minhas teorias preferidas: **A modernidade líquida**, do polonês Zygmunt Bauman. Vejamos as informações.

Modernidade líquida

Um conceito muito popular hoje em dia é a ideia de **Modernidade líquida**, cunhado pelo sociólogo Zygmunt Bauman (1925 – 2017). Segundo Bauman, hoje em dia, **as relações humanas** – sejam elas individuais, interpessoais ou comunitárias – **tendem a ser menos duradouras e/ou estáveis**. Por não conseguir sentir certeza naquilo que está a seu redor, o homem contemporâneo seria **inseguro** e teria muita dificuldade de se ligar profundamente às outras pessoas.

O homem contemporâneo busca acumular experiências mais do que estabelecer relações duráveis. A essa característica da instabilidade e da constante mudança dos comportamentos e relações, Bauman chama de **modernidade líquida**. Comparado com um



sólido, um líquido é muito mais adaptável e mutável. Por isso, ele considera que atualmente a sociedade é muito menos sólida e muito mais líquida.

Outro termo bastante comum na teoria de Bauman é a ideia de **fluidez**. A vida na modernidade é essencialmente fluida. Segundo ele:

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. (...) Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade. (BAUMAN, 2001, p. 09)

Na visão de Bauman, tudo, absolutamente tudo, é fluido. As instituições se comportam de maneira também incerta, fato que aumenta claramente a instabilidade do homem, que não encontra, nem mesmo nas estruturas sociais mais sólidas, a estabilidade que precisa. Inclusive, é essa característica das instituições que impede que Bauman abrace a ideia de uma **pós-modernidade**. Segundo ele não temos as instituições mudadas de forma suficiente para que possamos pensar em uma modificação que renomearia o momento atual.

Essa ideia **não se aplica apenas aos relacionamentos**, mas também à postura do homem em diversas outras áreas. De modo geral, o homem da modernidade líquida tem uma percepção de mundo ligada a:

Incertezas em relação
a tudo aquilo que
parecia bem
estabelecido.

Falta de referenciais
pessoais, ou seja,
dificuldade em
constituir sua própria
individualidade.

Relativização da ideia
de verdade.

Busca de
experiências, não de
instâncias duradouras.

Exemplos de aplicação

Nesse momento, apresentamos algumas formas de aplicação possíveis para a sua construção textual. Claro que são somente exemplos e não verdades absolutas que necessitam aparecer em sua redação, ou, ainda, que não permitem outras formas de leitura. Faça o exercício de pesquisar um pouco sobre esse tema. Vale demais da conta.





Relacionamentos pessoais



O homem contemporâneo busca acumular experiências mais do que estabelecer relações duráveis. Nesse contexto, os relacionamentos pessoais encontram dificuldades de se manter. A criação de vínculos amorosos ou afetivos é dificultada em um contexto que os homens sentem que nada é permanente. A busca pela felicidade se liga mais à obtenção de experiências do que a relacionamentos mais sólidos.

Internet



A internet propicia a criação de relações menos profundas e duradouras, pois se mantém no virtual, não no real. A comunicação em rede propiciada pela internet faz com que o sujeito sinta que pode controlar alguma instância de sua vida, já que lá pode manter ou excluir quem desejar. Esse poder é algo que não existe na sociedade. Na internet, há uma maior disseminação de notícias falsas, as fake News, pois qualquer um pode escrever o que desejar lá. Como na sociedade contemporânea há uma relativização da ideia de verdade, o homem não consegue mais saber o que é real e o que não é.

Individualismo



Como o indivíduo no contemporâneo não consegue se compreender ou definir, ele tem necessidade de validação do outro, característica que se exacerba nas redes sociais, por exemplo. A internet é um ambiente propício para a comparação. O indivíduo da modernidade líquida não consegue se ver como inteiro. Ele sempre se entende como alguém incompleto, em busca de melhores oportunidades ou aprofundamentos da sua personalidade. Sentir-se incompleto, como se fosse possível chegar a um estado de perfeição, é típico da sociedade contemporânea. Um dos modos que o indivíduo contemporâneo encontra para se sentir completo é através do consumo.

Note que temos uma série de temas em que a teoria de Bauman pode aparecer. É essa relação que nos levou a pensar nela para iniciar nossas análises para vocês.



**Globalização**

A globalização cria uma aparente diminuição das distâncias, o que muda nosso modo de nos relacionarmos com o outro: a rapidez e facilidade de nos relacionarmos faz com que as relações fiquem menos aprofundadas.

A instantaneidade da comunicação e da disseminação de informações faz com que fixemos muito menos os assuntos ou eventos, incorrendo muitas vezes numa banalização do cotidiano.

As grandes empresas se beneficiam da globalização na medida em que podem realizar contratações em diferentes lugares, de acordo com a pertinência econômica. As relações de trabalho são fluidas num mundo globalizado.

Governos e instituições

Na sociedade contemporânea há descrença em relação às instituições e valores dados como confiáveis.

Estruturas como Governo e Justiça são postas em xeque, pois o sujeito não sente mais segurança nem mesmo daquilo que parecia bem estabelecido.

As leis, os valores morais estabelecidos e a noção de autoridade se encontram em crise. Os líderes ou pessoas que estão no poder devem ser mais carismáticos do que autoritários. Isso pode, porém, propiciar o surgimento de regimes personalistas e autoritários.

Trabalho

As mudanças nas relações de trabalho, características da sociedade contemporânea, são fruto de um mundo que questiona as instituições e práticas já estabelecidas.

Os riscos de precarização do trabalho convivem com novos modelos de contratação.

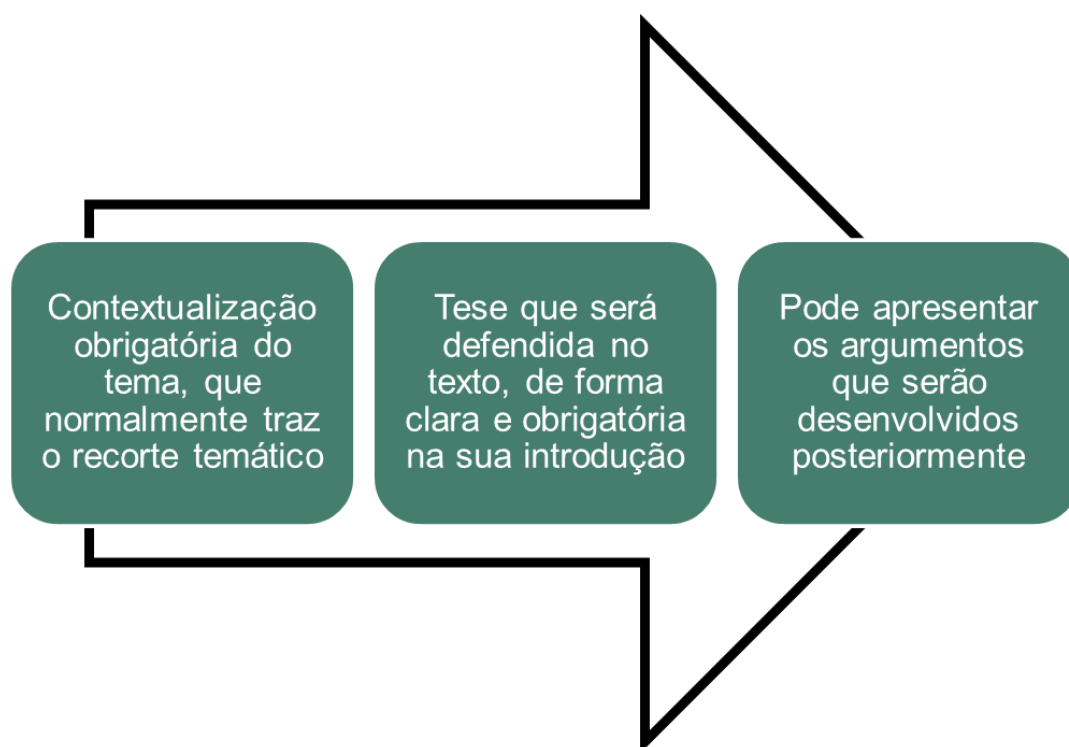
Os profissionais já não encaram mais a construção da carreira como uma progressão continuada.

Pronto. São seis assuntos interessantes e bastante contemporâneos que podem aparecer em diversas formas e construções de tema durante em suas redações. Use e abuse de Bauman, mas sempre lembrando que ele é uma das opções



3 Introdução

É inegável que poucos clichês são tão verdadeiros quanto o que aponta para a ideia de que temos, claramente, a introdução como o cartão de visitas de sua redação. É a introdução que deverá apresentar, ao seu corretor, o que o espera naquele texto que você produziu. Por isso, precisamos entender que sua introdução será escrita da forma mais clara e mais objetiva possível, contendo as seguintes informações:



Perceba que aqui aparece o conteúdo que comentamos anteriormente. Entra em cena seu recorte temático e sua tese. Por que devemos apresentar tudo isso já na introdução? Porque a sua redação não é lugar para suspense ou para surpresas. Como seu corretor precisa saber se os argumentos se relacionam diretamente com sua tese, conseguindo sustentá-la, é interessante que ele já saiba, antecipadamente, qual é a sua tese.

A contextualização tem o objetivo, como você deve ter percebido, tem o objetivo de apresentar o tema e o recorte temático para o leitor, no seu caso, um leitor bastante especial e já determinado: o corretor.

Vou apresentar, nesse momento, dois exemplos de introdução, para que você perceba como podemos construir essa parte de sua redação. Não se esqueça de que esses não são modelos para a construção de sua introdução, no sentido de que você deverá apenas trocar as palavras em cada uma delas. São ideias para que você visualize cada uma das partes da introdução. Bora que só bora!



Contextualização

O contexto de pandemia trouxe aos estudantes brasileiros a necessidade de adaptação à chamada educação a distância, dado que o isolamento se fez necessário em meio à crise de saúde do mundo. Essa condição trouxe à tona a discussão acerca da distribuição do acesso de internet no país, que se mostrou deficitário e insuficiente. Assim, percebe-se a necessidade de analisarem-se as consequências dessa situação.

Tese a ser desenvolvida

Indicação dos argumentos

Perceba que a **contextualização** apresenta o que será discutido no texto. Parte-se, então, do assunto mais geral, no caso a pandemia em sua relação com a educação para um mais específico, **nosso recorte**, que está relacionado com a distribuição de acesso à internet no país, e **a tese** que já indica que não temos uma distribuição equitativa de acesso à internet. Por fim, **a indicação dos argumentos** já direciona nosso olhar para o que será, de fato, tratado.

Ao apresentarmos a ideia de que falaremos das consequências, já podemos nos preparar para falar sobre a relação de perda para os estudantes que está envolvida nessa questão. Mas isso é tema para uma próxima aula. Calma!

Contextualização

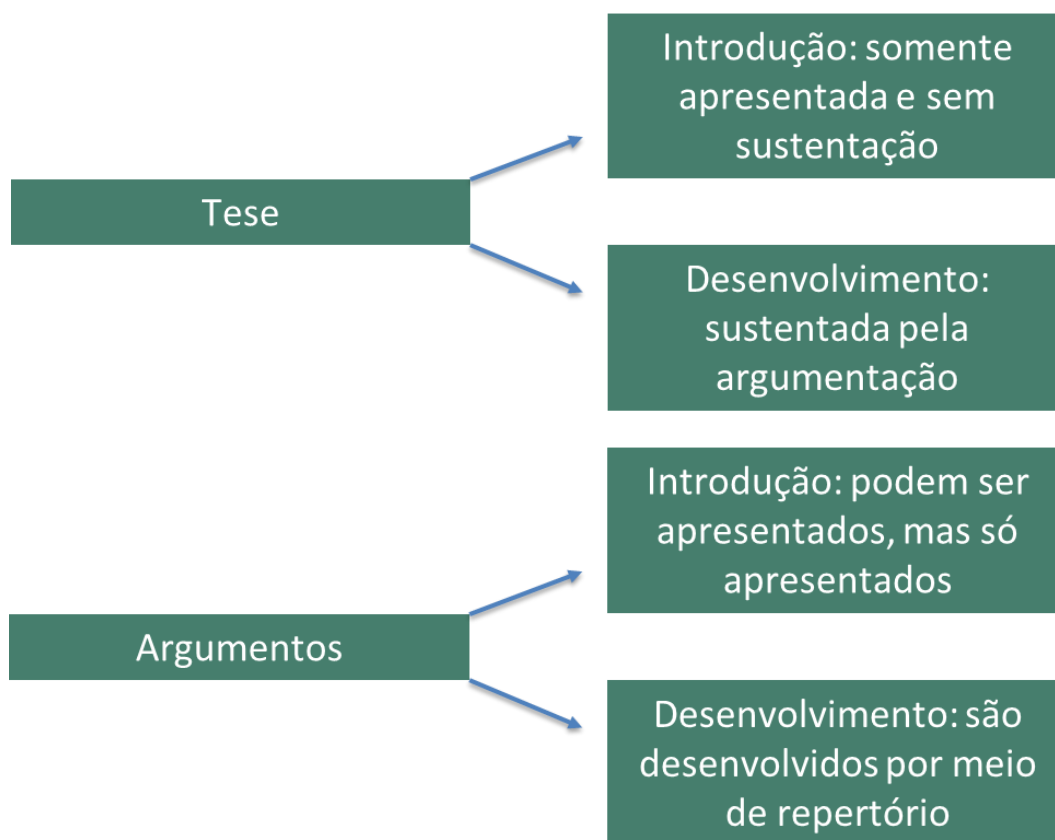
Desde o desenvolvimento industrial, que remonta à primeira Revolução Industrial, o meio ambiente vem sendo tratado como uma fonte inesgotável de recursos a serem transformados. Diante disso, percebe-se que a condição ambiental alcança exploração quase irreversível, que coloca em risco a continuidade da vida na Terra. Faz-se necessário, então, analisar-se como o aquecimento global e as queimadas constantes são indicações dessa destruição.

Tese a ser desenvolvida

Indicação dos argumentos



Nessas duas introduções que apresentam tudo aquilo que necessitamos em uma introdução. É interessante, ainda, que notemos que não há necessidade de aprofundamento nem de tese, nem de argumentos ainda na introdução, pensando da seguinte forma:



Eis a diferença: na introdução, somente apresentamos os dois elementos. No desenvolvimento, por sua vez, temos o desenvolvimento (redundante, né?) dos dois elementos apresentados. Nas palavras de Celina, nossa Musa,

É simples e objetiva.

- Deve focar-se em apresentar a tese, mas não desenvolvê-la profundamente.
- Ex.: "(...) a educação artística promove o desenvolvimento de uma série de habilidades motoras e, conseqüentemente, auxilia na realização de diversas atividades em diferentes áreas." apenas faz uma afirmação, sem desenvolver argumentos que corroborem a ideia.

Apresenta a tese textualmente.

- A contextualização introduz a tese, mas não precisa antecipar a argumentação. Dedique-se principalmente a elaborar uma tese que possa ter desdobramentos no desenvolvimento.



Tipos de contextualização

Observe a proposta apresentada a seguir, com seu respectivo tema e seu recorte.

UFRGS (2016)

Observe a charge abaixo. Marco Aurelio.

Feira Do Livro



Zero Hora. 7 nov. 2015.

A charge faz referência à Feira do Livro de Porto Alegre. Na imagem, vê-se um grande número de pessoas, provavelmente visitantes, que não tiram os olhos de seus tablets e smartphones, o que sugere certa redução do protagonismo do livro, mesmo em uma feira de livros. O autor da charge apresenta seu ponto de vista sobre essa situação de uma perspectiva, sem dúvida, crítica, que pode ser inferida da expressão facial do livreiro.

Essa questão adquire contornos mais complexos, se avaliada a partir da passagem abaixo, também recentemente publicada.

[...] fiquei sabendo que a Amazon Books – a livraria on-line mais famosa do mundo – havia inaugurado sua primeira loja física nos Estados Unidos. Depois de duas décadas de vendas pela internet, ameaçando a existência das livrarias tradicionais, a gigante do comércio eletrônico se instalou numa loja de shopping com os 6 mil títulos mais vendidos e mais bem avaliados no seu site. Ou seja: em vez do texto virtual, para os leitores digitais, ou da encomenda on-line, as pessoas poderão pegar o livro na mão, apertar como se fosse um tomate, folhear e cheirar à vontade, exatamente como fazem os frequentadores da nossa feira porto-alegrense. E o mais importante: poderão levar o produto com elas, abrir e consumir em qualquer lugar, sem necessidade de bateria, wi-fi ou 3G.

Adaptado de: SOUZA, Nilson. Livros e tomates. Zero Hora. Segundo Caderno. 7 nov. 2015. p. 7.





Finalmente, e a título de informação suplementar, cabe lembrar a opinião de Umberto Eco e JeanClaude Carrière, em um livro cujo título é sugestivo, *Não contem com o fim do livro*.

“Das duas, uma: ou o livro permanecerá o suporte da leitura, ou existirá alguma coisa similar ao que o livro nunca deixou de ser, mesmo antes da invenção da tipografia. As variações em torno do objeto livro não modificaram sua função, nem sua sintaxe, em mais de quinhentos anos. O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. Você não pode fazer uma colher melhor que uma colher [...]. O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é.”

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. Não contem com o fim do livro. Trad. André Telles. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2010. p. 14.

A partir da leitura dos textos e considerando que, atualmente, discute-se, de diferentes pontos de vista, **o futuro do livro** no mundo contemporâneo, escreva um **texto dissertativo** sobre o tema abaixo.

O livro na era da digitalização do escrito e da adoção de novas ferramentas de leitura

Vamos agora observar um por um os tipos possíveis de desenvolvimento de introdução citados para exemplificar como uma introdução sobre esse assunto poderia ser feita. Em todos os exemplos, será desenvolvida a mesma tese: **“O livro, ainda que com a adoção de novas ferramentas de leitura, não acabará”**.

Comparação

Realizar uma comparação na introdução é uma das estratégias mais interessantes para a construção de uma introdução. Para evitar maiores problemas na hora da correção, recomendo que você use o seu conhecimento para construir essa comparação. O uso dos textos motivadores pode causar diminuição na nota, conforme a utilização. Vamos ao exemplo.

A leitura é uma das maiores conquistas da humanidade. **Seja feita por meio dos livros físicos, seja feita por meio digital, o conhecimento se perpetua exatamente na construção do ato de ler.** Contudo, ainda que haja aumento no uso dos meios digitais para a realização dessa ação, entende-se que os livros físicos não desaparecerão, dado que há espaço para todas as formas de representação do livro.





Nesse exemplo, utilizamos as duas formas de apresentação dos livros que competem, na sociedade moderna. Temos a ideia de que a leitura é a parte mais importante do processo, acontecendo da forma como acontecer.

Dados científicos

Nesse caso, entendemos como **dados científicos** a ideia de pesquisas que são realizadas por instituições em que a ciência é o balizador do pensamento. Claro que incluímos nesse tipo de dados aqueles que se relacionam com pesquisas estatísticas que são feitas de forma clara com precisão científica. O uso dos dados estatísticos provenientes de pesquisas encomendadas pelas mais diversas instituições é uma forma interessante de comprovação e de contextualização. Vejamos dois exemplos dessa utilização.

Em pesquisa recente realizada pela Universidade de Brasília, constatou-se que a compra de livros físicos cresceu durante o período de pandemia. Essa constatação é importante para que se perceba que ainda há interesse pelo livro físico, dado que sua durabilidade é maior e mantém-se o contato com o papel, diferente do que pensa a maior parte da população.

Nesse exemplo, é clara a relação de dados científicos, validados por uma instituição de ensino superior que promoveu a pesquisa. Ainda que tenhamos a possibilidade, em alguns casos, de falar genericamente, não recomendo que isso seja feito. Utilize fontes para validar a sua ideia e diminuir, claro, a possibilidade de que desconfiem de seus dados.

Segundo o IBGE, aproximadamente 60% dos estudantes vê, nos livros digitais, uma opção interessante para a leitura, dada a facilidade de uso desse tipo de livro. Contudo, entre os adultos, mais de 80% prefere os livros físicos. Essa constatação é importante para que se perceba que ainda há interesse pelo livro físico, dado que sua durabilidade é maior e mantém-se o contato com o papel, diferente do que pensa a maior parte da população.

Nesse caso, buscamos uma pesquisa que apresenta uma relação interessante entre as duas formas de vermos o tema apresentado. Essa é uma forma possível também para a sua redação, como uma possibilidade boa de construção. Como nesse momento recomendamos que vocês façam pesquisas antes de escrever as redações, é um bom momento para a busca por pesquisas que possam sustentar sua forma de pensar.





Definição

Essa sempre foi uma das formas mais utilizadas para se iniciar uma redação. A noção de usar um conceito é interessante, porque temos claramente demonstração de conhecimento sobre o tema, além de apresentar, ao corretor, um conceito que ele não necessariamente tenha. Claro que, em alguns casos, temos problemas para trabalhar com a definição, como ocorre no caso de nosso tema. Contudo, veja que é possível adaptar essa forma de pensar para a nossa forma de escrita. Vejamos.

Os livros digitais, que competem com os físicos, são entendidos como arquivos de texto convertidos para serem lidos em aparelhos eletrônicos. Com a popularização dos chamados *devices*, cogita-se que o livro físico perca a sua importância na sociedade. Contudo, dado que é um meio de armazenamento atemporal, entende-se que os livros físicos não irão desaparecer.

Note que a definição de livro físico, ainda que seja mais próxima de nossa tese, seria desnecessária. Por isso, partimos da definição dos livros digitais, que competem com os físicos, para a construção de uma definição. Pode usar essa forma de pensar sem medo algum. Inclusive, nessa introdução, começamos diretamente, sem a utilização de um adjunto adverbial para iniciar o parágrafo.

Referência histórica

Acredito que essa seja uma das contextualizações mais tranquilas de serem usadas por vocês para iniciar a redação. Digo isso, porque sei o quanto de história vocês estudam na escola, e o quanto vocês podem se aproveitar desse conhecimento para a construção de uma introdução que nos leve ao recorte temático. Perceba que não devemos nos ligar à ideia de que muitos utilizam essa forma, como meio de pensar que não devemos utilizá-lo.

A história ocidental sofre uma modificação substancial a partir da publicação dos primeiros livros, na Grécia Antiga. Registrar os acontecimentos modifica a forma de entender a história a partir desse momento. Dessa forma, percebe-se que a construção de conhecimento passa por seu registro físico, que, por ser durável, não se extinguirá facilmente. Assim, analisa-se a importância do registro físico em contraposição ao crescimento dos meios digitais de leitura.





Lembre-se de que a escolha da forma de iniciar uma redação é uma questão, ao mesmo tempo, de **estilo** e **pertinência**:

Estilo: o modo como você se sente confortável escrevendo (estilo pessoal) aliado às diretrizes do vestibular em questão (uma dissertação deve ser escrita na norma culta, por exemplo).

Pertinência: lendo textos diversos, você perceberá elementos que se sobrepõem e que podem ser mais facilmente acessados para construir sua introdução. Um gráfico ou tabela, por exemplo, trazem dados concretos e, por isso, pode ser uma boa opção fazer uma introdução baseada em dados científicos. Já textos de pessoas de grande nome (escritores ou jornalistas famosos, com grande conhecimento no assunto) podem sugerir uma introdução baseada em uma citação

Aconselho, sem medo de errar, que você treine o máximo possível. Pense sempre que sua redação será mais bem escrita conforme você escreve. É interessante, inclusive, que você busque uma dessas formas de contextualização de introdução e faça dela o seu modelo, repetindo-o e vendo como se dará seu desempenho após a correção. Note que é importante realmente treinar cada uma delas para descobrir qual será o seu estilo preferido. Por exemplo, eu gosto muito de utilizar o contexto histórico como forma de iniciar meus textos. Uso-o quase sempre que tenho que construir um exemplo de redação completo. Essa minha escolha se deu depois de anos fazendo a mesma forma de escrita.

Não se esqueça de que sua redação, no ITA, deverá ter, no máximo 28 linhas.

Isso faz com que a distribuição seja pensada sempre e treinada à exaustão para garantir uma nota excelente que, como você sabe, representará 20% da sua nota final. Dessa forma, uma introdução girando entre seis e sete linhas é o ideal, para que não fique extremamente curta e pareça superficial e para que não fique longa, prejudicando o seu desenvolvimento, por exemplo.

Foque em treinar um tamanho regular para sua letra e para a sua redação, sempre equilibrando a relação de linhas dentro de seu texto.

Exercícios: Introdução

Leia os fragmentos e escreva o tema de cada um deles e a tese que você desenvolverá. Abaixo, há um espaço para que você pratique diferentes tipos de introdução para uma mesma tese. É importante que você tente **realmente** fazer mais de uma introdução para cada item para praticar bastante – ainda que nem todas as opções sejam possíveis em todos os itens. Inclua sua tese no fim de cada contextualização para checar se o texto faz sentido como um todo.





Alguns exercícios contarão apenas com um texto, outros com dois. Conforme nosso curso avançar, será cada vez mais comum o aparecimento de exercícios com mais de um texto. Não se apresse: teremos, em seguida, mais algumas propostas para que você possa treinar.

Leia os textos e faça a análise deles com relação ao que está apresentado no primeiro quadro.

Exercício 01

Para não ser covarde: a luta antirracista e pela democracia

Não importa se no sistema político ou nas relações de intimidade, a omissão e a conivência de quem legitima uma violência flagrante são provas da sua inconfessável covardia

"Cães danados do fascismo
Babam e arreganham os dentes
Sai do ovo a serpente
Fruto podre do cinismo
Para oprimir as gentes
Nos manter no escravismo
Pra nos empurrar no abismo
E nos triturar com os dentes
Ê, república de parentes, pode crer
Na nova Babilônia eu e você
Somos só carne humana pra moer
E o amor não é pra nós
Mas nós temos a pedrada pra jogar
A bola incendiária está no ar"
trecho da música "[Pedrada](#)", de Chico César

Na terça-feira (19), véspera do Dia da Consciência Negra, no momento da inauguração de uma exposição em homenagem à resistência negra dentro da Câmara dos Deputados, o deputado Coronel Tadeu (PSL/SP) arrancou à força e quebrou um dos painéis que estavam ali expostos. Ilustrado com uma charge que retrata uma cena de violência policial contra um jovem negro, de autoria do cartunista Carlos Latuff, o painel trazia informações sobre o genocídio da população negra no Brasil. Por não aceitar a crítica expressa na imagem, o deputado se sentiu no direito de censurar a obra e depredar uma exposição oficial.

A sucessão dos fatos, com uma forte reação de parlamentares negros e progressistas e ampla repercussão midiática, garantiu, um dia depois, a restituição do painel original à





exposição. O remendo ficou à mostra para que o episódio de truculência racista e fascista não seja esquecido. O agressor foi denunciado no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados e na Procuradoria-Geral da República. Que a sua devida responsabilização seja decidida de maneira exemplar pelas instituições.

Longe de ser pontual, esse acontecimento evidencia a intensificação da violência que tem se alastrado pela sociedade brasileira. Escorre ódio em incontáveis situações. Agressões racistas, misóginas e LGBTfóbicas se somam à perseguição política contra movimentos sociais, artistas, professores, estudantes e quem mais ousar questionar a tirania. Convivemos com um noticiário de estupros, feminicídios, execuções sumárias, homicídios de crianças em operações policiais. Assassinatos de indígenas, lideranças populares e defensores de direitos humanos já se tornaram rotina.

Tem muitas coisas que explicam essa realidade, mas me chama a atenção o quanto a covardia é um tipo recorrente de comportamento para concretizar a disposição violenta. A covardia se impõe no lugar do diálogo e da busca de mediação para os conflitos. É preciso usar a força bruta, ainda que por meio de outra pessoa, para fazer prevalecer uma vontade que não pode resistir a princípios e argumentos democráticos. Diante do pavor de perder, o covarde se dá a permissão de violar o outro que o contraria. A covardia também é escudo para a ganância e a vaidade.

Mesmo arrependidas depois de atitudes violentas, pessoas covardes terão dificuldade de se retratar e mudar o seu padrão emocional. Um deputado me disse, recentemente, que se arrepende de uma cena de violência que protagonizou. Ele alegou que está cansado da polarização política, que ano que vem quer ser outra pessoa, e lançou a frase clássica de que até tem um irmão e amigos homossexuais. Eu lhe perguntei, então, por que ele não se retrata publicamente e mostra a sua verdadeira posição, mudando desde já. Ele respondeu que não pode fazer isso, seu eleitorado não o perdoaria. Está entorpecido, refém de uma autojustificação covarde que alimenta o círculo vicioso da violência.

(...)

Não importa se no sistema político ou nas relações de intimidade, a omissão e a convivência de quem legitima uma violência flagrante são provas da sua inconfessável covardia. Ainda que não se pratique a violência diretamente, só o fato de não repudiá-la é mau sinal. O resultado coletivo é a normalização da violência como método de solução para os problemas. Basta silenciar, “neutralizar” o outro que encarna o problema, seja uma pessoa ou um grupo social. O simples elogio à violência é uma forma eficaz de propagá-la. Nessa lógica, nada mais normal e desejável do que a eliminação de um inimigo.

Custa muito construir mediações sinceras e amorosas para os conflitos, ainda mais em uma conjuntura de acirramento da violência como capital político para grupos de ódio e conservadores. A interdição ao debate é útil para a política da morte e para o projeto de destruição da democracia. Apesar de tudo, a batalha não é inglória. É preciso exercitar a pedagogia do encontro, mesmo quando ele parece impossível. Contra a miséria da covardia, havemos de ter a coragem de sustentar a democracia como um valor inabalável.

Áurea Carolina foi eleita deputada federal pelo PSOL de Minas Gerais em 2018. Antes disso, foi a vereadora mais votada de Belo Horizonte em 2016. Integrante da movimentação cidadanista Muitas, atua em movimentos sociais desde a adolescência e é formada em ciências



sociais pela UFMG, onde também concluiu mestrado em ciência política. Além disso, fez especialização em gênero e igualdade pela Universidade Autônoma de Barcelona.

Disponível em www.nexojornal.com.br

TEMA:
RECORTE TEMÁTICO:
TESE:

Introduções:

Comparação:

Dados científicos:

Definição:

Referência histórica:



Exercício 02

Entre memórias e afetos: o lugar do cinema na pandemia

Um projeto político que ignora a cultura como propositora de novas possibilidades de futuro está fadado ao fracasso. Diante do caos, é preciso se render ao poder do afeto

O aclamado cineasta chileno Patricio Guzmán disse que “um país que carece de documentário é como uma família que carece de um álbum de fotografias”.

Minhas primeiras memórias são musicais. “Ovo de codorna”, de Luiz Gonzaga, era a trilha sonora daquela VW Brasília bem velha que passava nas primeiras horas do sábado vendendo os produtos da granja. O pequeno caminhão de gás tocava uma das melodias mais famosas de Ludwig van Beethoven: “Für Elise”. Quando criança não tinha a dimensão de quem eram os compositores dessas músicas, mas elas faziam parte dos meus afetos sonoros. “Saigon”, de Emílio Santiago, era a trilha sonora da praia. Meu pai tinha todos os discos de vinil de Santiago e, não bastasse isso, a música insistia em tocar nas rádios também. Lembro de quando minha prima comprou “East of the Sun, West of the Moon”, quarto álbum da banda norueguesa A-Ha. O disco vendeu mais de três milhões de cópias no mundo inteiro, mas a única que me importava era aquela que ela tinha. Passei a ceia de Natal importunando-a para que gentilmente cedesse aos meus apelos para emprestar aquele petardo. A persistência deu certo. Ela emprestou o disco em vinil e meu pai gravou para mim numa fita cassete que tenho até hoje. A última música não coube. Mas nem liguei. Tive a liberdade artística até para recriar a capa e desenhar, aos 8 anos de idade, aquilo que pra mim representava melhor a imagem do álbum.

Também possuo memórias olfativas. Lembro do cheiro de couro da poltrona em que minha bisavó Prisca me segurava num braço, aos 3 anos, e meu irmão, com pouco mais de um ano, no outro. Aliás, naquela casa em que ela morava com meu bisavô, que eu carinhosamente chamava de Vô José, vários cheiros se eternizaram na minha memória. O cheiro do hortelã que aflorava na pequena horta deles, dos sabonetes que faziam com banha de porco, do pequeno wafer crocante de chocolate que serviam com refrigerante de guaraná no fim da tarde. Nada disso está nos álbuns de fotografia da minha família.

A necessidade que temos de produzir memórias de nossa própria vida é compartilhada com a necessidade também de produzir memórias de nossa cultura. Principalmente neste Brasil em que a cultura sofre uma asfixia coordenada (ou descoordenada) por um governo que parece não entender a necessidade de preservação e manutenção do audiovisual. O descaso com a Cinemateca Brasileira é apenas a ponta do iceberg. Além de abrigar o maior acervo de filmes da América Latina com 30 mil títulos, aproximadamente 250 mil rolos de filmes e um milhão de documentos, a Cinemateca é importante para o trabalho de restauração de filmes, pesquisa de material histórico e defesa da memória. O fato de a instituição estar abrigada fisicamente num local onde funcionava até 1927 o Matadouro Municipal de São Paulo é de uma poesia só. Onde antes vidas eram ceifadas, hoje existe o inverso: a preservação da vida. A preservação do cinema brasileiro!

E preservar significa produzir memória, o que me parece uma dificuldade histórica do Brasil. Estamos acostumados a jogar a sujeira pra debaixo do tapete, a esconder nos porões aquilo que nos incomoda ou que não deve ser visto. Por isso o documentário contemporâneo surge como parte importante nesse processo de resgate. Ainda somos incapazes de lidar com





o horror da ditadura militar brasileira, que dizimou vidas e sonhos entre 1964 e 1985. Todos os nossos torturadores/assassinos foram perdoados pela Lei da Anistia. Ainda somos incapazes de lidar com o horror do desmatamento da Amazônia, principalmente em anos recentes. Orlando Senna e Jorge Bodanzky já haviam denunciado em “Iracema – Uma transa amazônica” os primeiros focos de incêndio para transformar a área verde em área devastada para a pecuária. O filme de 1975, que passou seis anos censurado pelos militares, só pôde ser exibido oficialmente no Brasil a partir de 1981. É impressionante como a obra continua atual! E triste!

Como também é triste perceber que o desmatamento da Amazônia também pressupõe o genocídio da população local, principalmente de indígenas e seus descendentes. “Segredos do Putumayo”, de Aurélio Michiles, que levou menção honrosa no É Tudo Verdade 2020, denuncia esse projeto de poder. Um projeto de poder baseado na exploração de mão-de-obra barata, quase análoga à escravidão, e na busca a qualquer custo pelo lucro. Não pensem vocês, leitores “fariálimers”, trabalhadores PJ com parte do salário como percentual de mérito, que sejam muito diferentes daquela comunidade ribeirinha às margens do Rio Negro, mostrada no filme de Michiles. O projeto neoliberal, com sua ideologia pautada pelos Chicago Boys, sustenta-se pela precarização das relações de trabalho, das relações humanas e pela destruição. Seja a destruição das leis trabalhistas, seja a destruição da natureza e da vida, o importante é destruir! Como Stallone e Schwarzenegger faziam em seus filmes anabolizados e adorados pelo branco-macho-hétero-pseudo burguês.

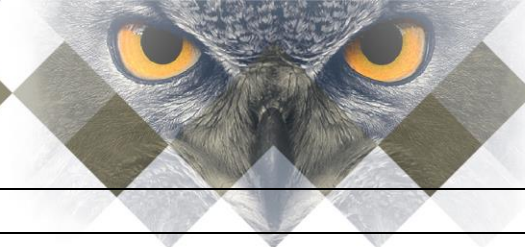
Um projeto político que ignora o cinema como mantenedor da memória cultural e propositor de novas possibilidades de futuro está fadado ao fracasso. Na contramão da destruição, qual a função do documentário nesse cenário? Construir afetos! Como Bárbara Paz fez em “Babenco – Alguém tem que ouvir o coração e dizer: Parou”. Entre o factual e o ficcional, Bárbara reconstrói memórias para manter vivo um dos cineastas mais importantes do cinema brasileiro. O filme foi escolhido para representar o Brasil no Oscar 2021. Ser indicado ou ganhar o prêmio pouco importa. A mensagem da obra precisa ser difundida aos quatro cantos do país: precisamos aprender a transformar destruição e morte em recomeço.

O documentário de Bárbara Paz me parece ter a faísca necessária para um novo olhar sobre nossas memórias. Numa época em que muita gente grita, o silêncio é importante. Cabe a reflexão: como vamos sobreviver após a pandemia? Oficialmente, quase 250 mil pessoas morreram no Brasil por causa da covid-19. No mundo, quase 2,5 milhões! Bárbara lida com o fim e a perda, mas, essencialmente, propõe um belo resgate das memórias de Hector Babenco. Em certo momento ele diz que “estar filmando é estar vivendo um dia a mais”. É isso! Como os adictos, estamos vivendo um dia de cada vez. Só por hoje, quero um Brasil com mais afeto!

Piero Sbragia é jornalista, documentarista e mestre em educação, arte e história da cultura. Autor do livro “Novas fronteiras do documentário: entre a factualidade e a ficcionalidade”, lançado em 2020 pela Chiado Books.

Disponível em www.nexojornal.com.br





TEMA:

RECORTE TEMÁTICO:

TESE:

Introduções:

Comparação:

Dados científicos:

Definição:

Referência histórica:



Exercício 03

Texto 01

Por que a Covid-19 pode se tornar epidêmica no Brasil, como dengue e gripe

Mais de um ano depois de ter começado, a pandemia de covid-19 ainda não dá sinais de que vá acabar em pouco tempo. Menos ainda no Brasil, onde seu controle é precário, com vacinação lenta, queda da adesão às medidas preventivas e omissão de agentes públicos em implementar, estimular, controlar e fiscalizar o cumprimento de normas de distanciamento social. Além disso, para piorar a situação, novas variantes do novo coronavírus vêm surgindo e se espalhando pelo país. Por isso, embora seja difícil prever, muitos especialistas acreditam que ela se estenderá pelo menos até 2022.

Mas não é só isso. Há grandes chance de a doença se tornar endêmica, como a dengue e a gripe (influenza), por exemplo.

Para o médico epidemiologista Guilherme Werneck, vice-presidente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) e professor do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IMS/Uerj), as condições para o controle da epidemia no Brasil estão muito precárias, por isso ela não deverá acabar logo.

"Faltam vacina, organização e liderança e sobra irresponsabilidade dos agentes públicos", critica. "Começando pelas ações de contrainformação do governo federal, questionando a efetividade de máscaras, vacinas e do distanciamento social, e estimulando o uso de medicamentos ineficazes para prevenção e tratamento da covid-19. É possível, embora ainda num horizonte distante, que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declare o fim da pandemia, mas o Brasil continue tendo que lidar com níveis inaceitáveis de transmissão."

Disponível em www.bb.com

Texto II

OMS: coronavírus pode "nunca desaparecer" e temos um longo caminho

O diretor de emergências da [OMS](http://www.who.int), Michael Ryan, declarou que há uma possibilidade do novo [coronavírus](http://www.who.int) prevalecer por anos "Temos um novo vírus entrando na população pela primeira vez. Portanto, é muito difícil prever quando vamos vencer."

Ele também destacou a possibilidade da COVID-19 virar uma doença endêmica "É importante colocar isso sobre a mesa. Esse vírus pode se tornar mais um vírus endêmico em nossa comunidade E pode nunca desaparecer. O HIV nunca desapareceu. Encontramos as terapias e as pessoas não tem mais o mesmo medo".

Uma doença endêmica é aquela no qual os casos acontecem com uma certa frequência em determinado local. Atualmente a doença epidêmica abrange três conceitos:

- uma doença que afeta simultaneamente um grande número de pessoas;
- uma doença que se dissemina rapidamente num segmento demográfico da população humana, como todos de uma área geográfica, um quartel ou agrupamento similar ou um grupo humano com semelhanças etárias, sexuais, profissionais, etc .



- uma grande incidência está acima da esperada.

Dengue, febre amarela, malária e gripe ([H1N1](#)) são alguns exemplos de doenças endêmicas que afetam o Brasil.

A doutora Soumya Swaminathan também destacou o grande desafio que o mundo precisa enfrentar para vencer o SARS-CoV-2, em uma entrevista para o jornal Financial Times, declarou que a pandemia pode durar de 4 a 5 anos.

Disponível em: <https://pfarma.com.br/coronavirus/5608-coronavirus-doenca-endemica.html>

TEMA:

RECORTE TEMÁTICO:

TESE:

Introduções:

Comparação:

Dados científicos:

Definição:

Referência histórica:





Exercício 04

QAnon | 'Minha mãe põe minha vida em risco': as famílias destruídas pela teoria conspiratória

Mariana Sanches - @mariana_sanches
Da BBC News Brasil em Washington

No porão de casa, sentada numa cadeira de escrivaninha ao lado de sua cama, Louise*, de 24 anos, descreve em voz baixinha as únicas cinco conversas que teve com a mãe Margareth* nos últimos oito meses. Na mais recente, Margareth afirmou que tropas chinesas estavam estacionadas na fronteira do Canadá, onde a família vive, com os Estados Unidos, esperando um sinal do recém-empossado presidente americano Joe Biden para tomar o país e instaurar o socialismo.

Louise mora sozinha com a mãe, que durante a entrevista estava no andar de cima da casa, na cozinha. Originalmente, os quartos de ambas eram vizinhos e elas costumavam cozinhar juntas ou surpreender uma à outra com uma nova receita de bolo.

Agora, Louise vive no porão, limita sua circulação na casa aos momentos em que se esgueira para a cozinha para buscar comida, e só toma banho durante as madrugadas, quando Margareth já está dormindo.

O rompimento quase completo da relação familiar de Margareth e Louise começou há quase um ano e é uma seqüela da disseminação de teorias da conspiração associadas à pandemia do novo coronavírus e ao processo eleitoral americano.

Ao mesmo tempo em que a covid-19 se espalhava pelo mundo, a mãe de Louise começou a duvidar da gravidade da doença: se rebelou contra o uso de máscaras e o lockdown e passou a procurar por fontes na internet que reforçassem suas crenças. Contava orgulhosa gastar entre cinco e 10 horas diárias nessa busca.

Submergiu em fóruns de teorias conspiratórias, como QAnon – que propala a tese extremista e sem fundamento de que Donald Trump estaria travando uma guerra secreta contra pedófilos adoradores de Satanás do alto escalão do governo, do mundo empresarial e da imprensa.

E passou a inundar a caixa de e-mail de amigos, conhecidos e mesmos clientes com suas mensagens com esse tipo de teor. "Ela acredita que Trump estava defendendo a liberdade e salvando as pessoas, que elas estavam sendo oprimidas pela covid, uma farsa transformada em arma pelos chineses", resume Louise.

A história de Louise e Margareth tem se repetido nos últimos meses em milhares de lares nos Estados Unidos e no Canadá. As crises familiares envolvendo pais, irmãos ou companheiros adeptos fervorosos do QAnon são o ápice de um processo que vem se desenrolando em menor grau em outros países ocidentais, como o Brasil, em que as trocas de conteúdos falsos e divergências políticas afastam parentes e amigos.

E embora não existam pesquisas sobre o rompimento das famílias nos EUA, alguns indicadores servem como métrica. Na rede Reddit, um grupo batizado de "Baixas do QAnon" foi criado em julho de 2019 com o objetivo de ser um espaço em que familiares compartilhem as experiências e ofereçam conforto e dicas para quem está na exata situação de Louise. Até junho de 2020, o fórum tinha apenas 3,5 mil membros, mas agora são 132 mil deles e centenas de milhares de relatos de ruptura e dor.





"Apesar de teorias conspiratórias serem tão antigas quanto a própria humanidade, um ambiente de incerteza, ansiedade e isolamento social, como o 2020 da pandemia, é ideal para disseminação desse tipo de interpretação do mundo. E foi ainda mais facilitado pela capacidade de as pessoas consumirem tanto informações verdadeiras quanto conteúdo comprovadamente falso nas redes sociais", afirma Dannagal Young, especialista em opinião pública e estudiosa de teorias conspiratórias da Universidade de Delaware.

Efeitos reais do conteúdo em redes

Só que as ações de Margareth não ficaram apenas no mundo virtual. Ela foi a manifestações de rua de grupos anti-vacina, acabou banida de comércios em seu bairro depois de se recusar a usar máscaras e desrespeitou medidas restritivas para conter a pandemia.

"Ela convidou pessoas para reuniões aqui em casa durante o lockdown, quando era ilegal, para falar sobre suas conspirações. Quando essas pessoas estavam aqui, eu não saía do quarto. Estou em risco porque tenho asma grave, tratada com remédio. Sinto medo por mim mesma", diz Louise.

"Por muito tempo as pessoas pensavam: 'Ah, minha mãe está lá explorando essas coisas bizarras na internet, e eu não consigo nem lidar com isso'. Então deixavam o assunto de lado, até que a coisa se tornou cada vez mais proeminente, mais aparentemente perigosa e com impactos fora das redes", diz Young.

Um dos mais evidentes impactos reais foi a invasão do Capitólio por apoiadores do ex-presidente no último dia 6 de janeiro, que resultou em cinco mortes e impediu por algumas horas a certificação da vitória eleitoral de Biden pelo Congresso americano.

Um dos manifestantes, que entrou no prédio com trajes vikings, ostentava uma placa em que dizia "Q me mandou aqui", em referência ao codinome do usuário de internet que iniciou a teoria da conspiração QAnon, se dizendo um infiltrado da máquina estatal que atuaria contra Trump.

À BBC News Brasil, dois homens da Geórgia que estavam em frente ao Capitólio no momento da invasão naquele dia disseram que dirigiram 14 horas desde seu estado "para lutar contra os pedófilos de Washington" e afirmaram ter certeza de que Biden sequer assumiria, pois seria preso na hora, outras crença de seguidores do QAnon.

Na madrugada de 7 de janeiro, horas depois de o Capitólio ter sido invadido, Margareth foi a sua conta de Twitter anunciar: "Trump venceu. Essa noite nem dormi, feliz demais pra isso".

"Eu achava que ela ia acabar se afastando quando visse que as coisas em que acreditava não se confirmavam, que Biden venceu e tomou posse. Mas infelizmente, isso não aconteceu. Ela é muito devota a essas ideias e a espalhá-las e convenceu nosso pai de 85 anos a não tomar a vacina contra a covid-19, não sei como resolver isso agora", afirma Joanna, irmã de Margareth, que confirmou à BBC News Brasil o relato feito pela sobrinha Louise.

Ela também contou ter restringido o contato com a irmã ao mínimo necessário para os cuidados com uma tia e o pai idosos.





Mudança de governo, não de crença

A crença de que a derrota eleitoral de Trump e a transição de governo resolveria os conflitos familiares é frequente. E embora algumas das maiores contas de seguidores de QAnon tenham mostrado dúvidas sobre a consistência de suas ideias após a posse de Biden, para um número significativo deles, a adesão à teoria e a raiva aumentaram. Em muitas famílias, o problema se aprofundou.

"Para as pessoas que estão totalmente envolvidas com uma teoria da conspiração, se o que está previsto para acontecer pela teoria não acontecer, não importa. Às vezes é aí que as pessoas se comprometem ainda mais fortemente com a própria conspiração. Isso porque, neste ponto, as pessoas investiram tanto tempo e energia nisso, danificaram suas relações pessoais em nome disso. Virar as costas à teoria da conspiração seria uma admissão de que o último ano, dois anos ou três anos de sua vida foram um desperdício", explica Young.

É exatamente o que relata Sônia*, de 26 anos, expulsa da casa onde vivia com a mãe, o padrasto e os dois irmãos mais novos em um subúrbio tranquilo de Kansas City, no Missouri.

De acordo com ela, o casal de corretores de seguros de meia-idade tinha uma vida financeira confortável e pouco interesse por política até que a morte de George Floyd, um homem negro e desarmado asfixiado por um policial branco no fim de maio de 2020, detonou os maiores protestos de rua dos EUA nas últimas décadas.

Enquanto Sônia e o noivo apoiaram a pauta antirracismo e se juntaram a protestos pacíficos do movimento Black Lives Matter, a mãe e o padrasto se mostraram temerosos sobre os rumos das ações e começaram a acompanhar cada vez mais páginas de direita, até passar a consumir conteúdo QAnon nas redes sociais.

O nível de tensão da família escalou até que tanto ela quanto seus pais concluíram que era impossível continuar vivendo sob o mesmo teto. "Quando chegou perto da eleição, era noite de Halloween, eu e meu noivo chegamos da rua e meu padrasto estava conversando com um de seus amigos. Nós entramos, ele nos olhou, não disse oi, se virou para o seu amigo e falou: 'se você vota em alguém que não seja Trump, você é um traidor do país'", conta ela.

Não foi um episódio isolado. "Eles estavam agindo de forma fria durante toda a semana, ficando cada vez mais agressivos. Então, eu simplesmente não sentia que aquele era um ambiente seguro e não queria causar problemas. Meu padrasto tinha comprado uma arma pela primeira vez no último verão, quando os protestos do Black Lives Matter estavam acontecendo, porque estava convencido que progressistas iam entrar em sua casa e matar as pessoas. Naquele momento, simplesmente não parecia seguro para mim confrontá-lo", diz Sônia.

Ela se casará em junho de 2021 e provavelmente não contará com a presença da família na festa. Hoje mora de favor na casa da família de uma amiga, já que não teria como bancar o aluguel de um espaço sozinha com seu salário de assistente de professor do ensino fundamental. Desde que saiu de casa, seus contatos com a mãe se resumem a mensagens de celular, nos quais a mãe repassa conteúdos falsos sobre covid-19 e reafirma que Trump venceu a eleição.

Para Margareth, Trump voltará à Casa Branca em 4 de março – a nova data de reviravolta espalhada na internet por aqueles que acreditaram sucessivamente que Trump venceria a eleição no dia 3 de novembro, que o Colégio Eleitoral não confirmaria a vitória de Biden no dia 15 de dezembro, que o Congresso não ratificaria os votos no dia 6 de janeiro e que Biden



não assumiria a presidência no dia 20 do mesmo mês. Como se sabe, nenhuma delas se provou verdadeira.

**Os nomes das entrevistadas foram alterados para proteger suas identidades.*

Disponível em www.bbc.com

TEMA:

RECORTE TEMÁTICO:

TESE:

Introduções:

Comparação:

Dados científicos:

Definição:

Referência histórica:

Exercício 05

A luta dos universitários indígenas para não desistir das aulas em ensino remoto nas aldeias durante a pandemia

Vinícius Lemos - @oviniiciuslemos/Da BBC News Brasil em São Paulo/20 fevereiro 2021

Logo que o ensino remoto teve início em meio à pandemia de covid-19, no ano passado, a universitária Maria da Penha, de 25 anos, passou a enfrentar diversos problemas para continuar no curso de serviço social da Universidade de Brasília (UnB).

A estudante indígena, que faz parte do povo Atikum, morava em Brasília desde que ingressou no ensino superior em 2019. No início da pandemia, em março passado, a jovem precisou deixar a capital federal e retornar para a sua aldeia no município de Carnaubeira da Penha, no sertão de Pernambuco.

Em agosto de 2020, quando as aulas remotas da UnB começaram, surgiram também as dificuldades, como a falta de um computador e uma conexão de internet precária. "Já fiquei dias sem conseguir assistir a uma aula", diz Penha à BBC News Brasil. Os problemas de conexão, que costumam afetar até mesmo estudantes que moram nos centros urbanos, são ainda maiores para quem mora em áreas rurais ou terras indígenas.

Em meio às dificuldades, a universitária também convive com o temor da covid-19, que tem afetado duramente os povos indígenas do país. "Dois tios idosos faleceram por causa do coronavírus. Isso mexe muito com o nosso psicológico. Já passei alguns dias bem nervosa e preocupada", conta ela, que chegou a considerar a possibilidade de trancar o curso.

Problemas como os enfrentados por Penha têm sido vivenciados por outros milhares de universitários indígenas no país. O estudo a distância improvisado em meio à pandemia encontra problemas como a falta de aparelhos eletrônicos, internet ruim, falta de apoio pedagógico e ausência de local adequado para os alunos estudarem.

Especialistas consideram que a inclusão de indígenas no ensino remoto tem sido extremamente precária. E a situação deve se estender por mais tempo, porque muitas instituições de ensino vivem um período de incerteza em relação ao retorno das aulas presenciais, em razão da piora do cenário da pandemia no Brasil nos últimos meses.

'Um período estressante'

"Tem sido um período complicado e muito estressante", desabafa Penha sobre o ensino remoto. Ela afirma que não abandonou as aulas durante a pandemia porque acredita que é fundamental ter um curso superior para ter uma profissão. "Tenho que continuar (estudando)", diz.

A internet na aldeia dela funciona por meio de satélite. "É bem fraca", diz a jovem. Em muitos momentos, não há conexão. "Já perdi muitas aulas por causa da internet. Cheguei a perder provas por causa disso", comenta.

No início das aulas virtuais, ela não tinha computador. Por meio de um edital de inclusão digital da UnB no ano passado, destinado a alunos de baixa renda, ela conseguiu R\$ 1,5 mil. "Tive que me virar com meus pais para complementar mais R\$ 1 mil e comprar um notebook, porque esse valor (do edital) não era suficiente", relata.

O aparelho logo se tornou um outro problema. Ela relata que cerca de 25 dias após a compra, o notebook começou a desligar várias vezes. "Ele começou a apagar de repente.





Muitas vezes tive que assistir aulas pelo celular, que não é lá essas coisas, porque tem pouca memória", relata.

Quando não consegue assistir a uma aula, por problemas no notebook ou na internet, ela manda mensagens aos professores logo que consegue se reconectar. "Eu avisei que estou na aldeia e expliquei as dificuldades com o notebook e com a internet", relata. "Os professores entenderam a minha situação, me disseram para ficar tranquila", diz Penha.

Ela relata que concluiu três disciplinas do seu segundo semestre no curso, entre agosto e dezembro de 2020. "Tive que trancar duas disciplinas. Não consegui terminar as cinco do semestre porque era muita coisa. As dificuldades com o computador e com a internet tornaram tudo mais complicado", lamenta.

Na semana passada, Penha iniciou um novo semestre. Segundo ela, as dificuldades continuam. "Mande o meu notebook para o conserto (durante as férias de janeiro), mas ainda tá complicado porque ele voltou muito lento", diz.

Na mesma aldeia dela há outros universitários que enfrentam dificuldades semelhantes. Entre eles está o primo de Penha, Leonel Alcides, de 30 anos, que cursa ciências biológicas na UnB.

Ele também comprou um computador com o edital de R\$ 1,5 mil da UnB – e, assim como a prima, relata que precisou de mais R\$ 1 mil para adquirir o aparelho. "A situação está difícil. Nem mesinha tenho para acompanhar as aulas. Coloco as coisas na cadeira para conseguir estudar", relata.

O estudante comenta que o número de disciplinas que cursou no primeiro semestre de ensino remoto representou menos da metade das que ele fazia quando o curso era presencial. "Foi muito puxado e fiquei muito perdido. Não consegui acompanhar tudo nesse primeiro período (online)", diz ele, que está no quinto período do curso.

Em meio aos problemas de conexão, Leonel relata que também sente dificuldades para aprender os conteúdos. "Nas aulas remotas, ficamos sem saber o que aprender. Presencialmente a gente aprende mais", relata. Ele afirma que sente falta do apoio dos professores em sala de aula e da companhia de outros indígenas que também são universitários, por meio de coletivos criados por eles.

Materiais entregues com a ajuda de barco

Pelo país, as instituições de ensino criaram diferentes alternativas para tentar incluir os estudantes indígenas na educação remota. Nem todos os casos se restringem ao estudo online.

Mesmo se definindo como pioneira no método de ensino a distância no país, a Faculdade Fael também precisou rever o acesso dos estudantes indígenas às disciplinas no atual período.

Na cidade de Jacareacanga, no Pará, por exemplo, muitos indígenas iam ao polo da Fael para acompanhar alguns conteúdos das aulas ou pegar materiais para estudar. Com a pandemia, porém, muitas aldeias passaram a impedir que os moradores deixassem o local para evitar o risco de contágio; Em razão disso, a Fael distribuiu kits com material universitário aos estudantes. Segundo a empresa, o objetivo é fazer com que os alunos não interrompam os estudos por causa da pandemia.





Uma das responsáveis por auxiliar os estudantes nas aldeias da região é Geizy Ribeiro, que trabalha na assistência acadêmica da faculdade. Em uma embarcação, ela leva os materiais necessários para os alunos, como livros, exercícios e avaliações. Muitos alunos indígenas da Fael têm estudado somente por meio das apostilas entregues pela faculdade.

"São poucos alunos da região que têm acesso à internet, nem todos têm computador. Os que têm apenas celular preferem fazer no computador, porque acham melhor, por isso vinham até o laboratório da faculdade. Muitos não conseguiram vir nos últimos meses, por causa da pandemia", diz Geizy à BBC News Brasil.

De acordo com Geizy, na faculdade há cerca de 200 estudantes do povo munduruku, que tem uma população de aproximadamente 14 mil pessoas na região.

Os estudantes, segundo ela, pagam a mensalidade do curso com dinheiro do benefício do Bolsa Família ou do próprio salário, principalmente aqueles que são servidores públicos. Durante a pandemia, cerca de 20 alunos tiveram de trancar seus cursos por falta de condições financeiras.

Para aqueles que continuam estudando, Geizy se tornou o principal apoio na região. Ela, que conhece o idioma munduruku por ter sido professora em aldeias de Jacareacanga, é a responsável por orientar os alunos da faculdade. "Eu uso um rádio amador para me comunicar com os estudantes que estão nas aldeias", conta.

Um dos alunos da Fael na região de Jacareacanga é o indígena Dionísio Crixí, de 54 anos, do povo munduruku. Antes do avanço do novo coronavírus, ele costumava ir com frequência à cidade para usar o laboratório da faculdade. Por meio de um barco, levava cerca de uma hora até chegar ao polo mais próximo da área em que mora. Porém, desde março passado tem evitado sair da aldeia.

Dionísio comenta que em julho passado perdeu o irmão, que teve covid-19. Muitos outros parentes seus também foram infectados pelo novo coronavírus. "Tem sido um período bem difícil. Até a entrada de assistência na aldeia foi proibida para não prejudicar ninguém. Estamos isolados", relata ele, que trabalha na aldeia como professor da língua materna do povo munduruku.

Dionísio cursa pedagogia. Ele afirma que, apesar das dificuldades, não pensou em desistir da faculdade.

"Quero estudar mais porque não quero ficar para trás, quero avançar e ter mais conhecimento até onde der", diz. Ele comenta que também quer aprender, cada vez mais, a ler e escrever em português para que possa ensinar os indígenas. "Primeiro, a gente estuda a nossa língua e depois faz a tradução para o português", diz Dionísio, que deve se formar neste ano.

Desistências

Muitos universitários indígenas acabaram trancando o curso por causa das dificuldades do ensino remoto na pandemia.

Ertiel Amarília, do povo Guarani Kaiowá, cursou somente um mês de história no início de 2020 na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). O jovem de 20 anos, que mora em uma aldeia no município de Amambaí, no interior do Mato Grosso do Sul, decidiu trancar o curso logo no começo do ensino remoto.





"Foi muito difícil fazer as atividades sozinho (no ensino remoto)", diz. Os estudantes indígenas da UEMS recebem apostilas com os conteúdos das aulas para que possam estudar. As avaliações são feitas por meio dos exercícios nas apostilas. O método foi escolhido porque muitos universitários da região não possuem nenhum acesso à internet.

"O mais difícil era não poder tirar as dúvidas na hora, como nas aulas presenciais. Como eu era iniciante (no curso), não fazia a mínima ideia de como fazer as atividades sem ter um professor por perto", comenta o jovem. Ele relata que ficou ainda mais desestimulado porque não tinha internet em casa e não conseguia fazer pesquisas para se aprofundar nos assuntos abordados.

Sem estudar, o jovem viajou no mês passado para o interior do Rio Grande do Sul para trabalhar na colheita de maçã para uma empresa. "Na região em que moro é difícil achar emprego. A situação piorou na pandemia e agora preciso trabalhar", relata. Ele deve retornar para a sua aldeia em março. "A universidade era uma esperança para mim", diz o jovem, que não sabe se irá retomar o curso em algum momento.

Desde o início da pandemia, Kâhu Pataxó, que coordena ações nacionais de estudantes indígenas, acompanhou diversos relatos de universitários que abandonaram seus cursos. "Não é uma situação nada fácil. Há muitos casos de indígenas que precisam se deslocar para outras comunidades para tentar acessar a internet para estudar. Outros precisam ir para a cidade em busca de sinal de telefone para ter acesso aos conteúdos", diz Pataxó, que lidera o Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia (Mupoiba).

"Há, por exemplo, casos de universitários que tinham que se deslocar por três dias da aldeia à cidade para conseguir internet. Por causa dessa dificuldade, não conseguiram continuar estudando", comenta Pataxó.

Ele relata que acompanhou diversos casos de universitários indígenas que somente irão retornar ao curso superior quando a situação da pandemia melhorar e as aulas presenciais forem retomadas.

Em 2018, o Brasil tinha cerca de 57 mil indígenas matriculados na educação superior, segundo o Censo da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). É o levantamento mais recente sobre o tema. Esse número corresponde a cerca de 0,7% do total de estudantes do ensino superior no Brasil.

Não há, ao menos por enquanto, dados sobre o impacto que o ensino remoto durante a pandemia causou na inclusão dos indígenas na educação superior.

A antropóloga Mônica Nogueira avalia que o atual momento é o período mais difícil desde o início dos anos 2000, quando começaram as políticas públicas de acesso dos indígenas ao ensino superior – por meio de ações como o vestibular indígena e as cotas.

"Testemunhei desistência entre indígenas nesse período de pandemia. Não que não queiram estudar ou não tenham se empenhado, mas é porque realmente estamos vivendo condições muito adversas", lamenta Nogueira.

A antropóloga afirma que a atual situação se torna ainda mais preocupante porque as dificuldades dos indígenas no ensino superior já haviam aumentado nos anos anteriores à pandemia.

"Aumentaram as oportunidades de ingresso, mas as condições para permanência (nas universidades) se tornaram mais difíceis nos últimos anos", diz Nogueira.



"Muitas universidades aderiram à modalidade de vestibular indígena e investiram em processos preparatórios para os indígenas se candidatarem aos cursos de graduação e pós-graduação. Mas as unidades de ensino têm perdido orçamento ano a ano. Então, mais indígenas ingressam nas universidades, mas os recursos para a permanência estão diminuindo", acrescenta a antropóloga, que é coordenadora do Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (MESPT) da UnB.

Disponível em www.bbc.com

TEMA:

RECORTE TEMÁTICO:

TESE:

Introduções:

Comparação:

Dados científicos:

Definição:

Referência histórica:

Exercício 06

Filosofia e Ciência: um antídoto contra o negacionismo e suas variantes

Por **Paulo Tadeu da Silva** / 22 de fevereiro de 2021

Além dos cuidados com a higiene, o uso de máscaras e o distanciamento físico, a vacinação em massa apresenta-se como a alternativa mais consistente e eficaz para combater não só a propagação do novo coronavírus, mas também de evitar seus efeitos mais drásticos em termos de saúde pública

Ao longo dos últimos doze meses nossa atenção tem se voltado, quase que exclusivamente, para a pandemia de Covid-19 que ainda atravessamos. Com reflexos talvez impensáveis em nossas vidas, seus efeitos escancaram nossas fragilidades, as desigualdades sociais e estruturais, além dos evidentes efeitos da apropriação e transformação que impomos ao meio ambiente. Em tempos de bravatas negacionistas – nos quais o terraplanismo e a disseminação de falsos e absurdos efeitos colaterais das vacinas são dois exemplos bem conhecidos – a ciência tomou o centro da cena nos mais diversos meios de comunicação e informação: jornais, revistas, telejornais e redes sociais. A solicitação da avaliação científica tornou-se uma tônica, conferindo à ciência e aos cientistas destaque incomum. É a partir do parecer científico que se tem engrossado o movimento contra a propagação de *fake news*, particularmente aquelas que, sem qualquer aparato crítico relevante e confiável, disseminam aqueles efeitos absurdos e fantasiosos das vacinas.

O lugar ocupado pela ciência nesse contexto é, sem dúvida, uma boa notícia. Contudo, pode ensinar uma compreensão pouco fundamentada sobre a ciência, dando margem, inclusive, a alguma espécie de dogmatismo. Decorre daí a importância da Filosofia e História da Ciência. Componentes de longa data de nossos currículos universitários, sua função não se esgota na exegese de autores, mas insere-se no contexto dos problemas epistemológicos e éticos suscitados pelo conhecimento científico – entendido no seu arco mais amplo possível. Para além desses currículos, é preciso que esses problemas se façam presentes na formação de estudantes da Educação Básica, o que exige um trabalho interdisciplinar acompanhado de estratégias e materiais didáticos adequados. A razão me parece dupla: de um lado, a imunização contra todas as variantes de negacionismo, de outro, promover um entendimento mais bem fundamentado sobre a boa ciência.

Via de regra, os noticiários sobre as vacinas contra Covid-19 estão repletos de termos que se referem a conceitos centrais quando tratamos de conhecimento científico. Dentre eles, os conceitos de teste e base empírica são, muito provavelmente, os mais utilizados para que se justifique não somente a confiança, mas também a crença nos resultados científicos. Não é incomum, nesses mesmos noticiários, depararmos com a manifestação de cientistas sobre algumas incertezas. Por exemplo, a incerteza de se saber se as vacinas atualmente disponíveis serão ou não eficazes contra futuras variantes do novo coronavírus. Tomadas conjuntamente, confiança e incerteza, propiciam um terreno fértil para promoção daquele entendimento mais fundamentado da ciência e, com ele, a defesa da eficiência do conhecimento científico envolvido com a produção de vacinas. E isto justamente porque a confiança está relacionada com “uma crença pragmática nos resultados da ciência”, tal como afirma Popper no primeiro capítulo do livro *Conhecimento objetivo*. Dedicado à sua solução do problema da indução, o autor nos lembra que nosso conhecimento do mundo é *conjectural*, caracteriza-se como um





conjunto de hipóteses que, submetidas à crítica, devem ser capazes de obter resultados satisfatórios ao serem contrastadas com a evidência empírica a fim de serem admitidas. Nesse momento, suas palavras soam como uma boa dose de bom senso: “De um ponto de vista racional, não podemos ‘confiar’ em teoria alguma, pois nunca se mostrou nem se pode mostrar, que qualquer teoria é verdadeira”, afirma a certa altura daquele livro. Contudo, diz ainda, “podemos *preferir*, entretanto, como base de ação, a teoria mais bem testada” – o que significa que a escolha da teoria mais bem testada envolve, em certo sentido, a confiança que nela depositamos. Confiança pragmática, mas nem por isso irracional. Com base nesse critério podemos equacionar incerteza e confiança, quando tratamos das soluções propostas no campo científico.

É certo que as incertezas e controvérsias científicas são parte integrante do processo científico, mas como salienta Luciana Zaterka, em recente entrevista para a Anpof, “a saída para as incertezas e controvérsias da ciência se encontra na própria ciência.”. É a partir da “preferência pela teoria mais bem testada como base de ação” que chegamos a um tipo de confiança menos dogmática e, por isso mesmo mais esclarecida. Confiança diretamente envolvida com a solução enfatizada por Zaterka e, em certa medida, assentada no preceito cartesiano de evitar a precipitação e a presunção. Preceito que, como sabemos, articula-se com um dos objetivos centrais do *Discurso do método & Ensaio*, a saber, elaborar um método “para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências”.

A ação que ora se coloca tem impactos fundamentais para a contenção da pandemia. De fato, além dos cuidados com a higiene, o uso de máscaras e o distanciamento físico, a vacinação em massa apresenta-se como a alternativa mais consistente e eficaz para combater não só a propagação do novo coronavírus, mas também de evitar seus efeitos mais drásticos em termos de saúde pública. Alternativa devidamente amparada nas evidências empíricas, obtidas por testes conduzidos segundo o devido rigor científico. A crença em sua eficácia está, portanto, racionalmente fundamentada. Novamente, como nos lembra Popper: “uma *crença pragmática nos resultados da ciência* não é irracional, porque nada é mais ‘racional’ do que o método de discussão crítica, que é o método da ciência.”. Essa mesma racionalidade reforça o compromisso ético com a vacinação, pois nos permite defendê-la em virtude da segurança decorrente dos protocolos de teste científico, tendo em vista a previsão de seus efeitos colaterais.

O bom entendimento do que a ciência pode realizar nos conduz a um duplo efeito. De um lado, a firme rejeição de afirmações lunáticas, desprovidas de qualquer evidência consistente ou rigor metodológico. De outro, a compreensão lúcida daquilo que, por intermédio da discussão crítica, pode ser tomado como algo digno de confiança para nossas ações. É nesse sentido que o combate ao negacionismo ganha contornos muito próprios quando consideramos a tarefa que sempre nos coube, não só como filósofos e filósofas, mas também e principalmente como professoras e professores de Filosofia: formar nossos alunos e alunas por meio do rigor argumentativo e conceitual, tendo em vista a autonomia de pensamento e o compromisso ético e social. Desse modo, ao lado de estudos filosóficos sobre gênero, racismo e pensamento descolonial, emerge do atual contexto social em que vivemos a relevância de estudos voltados para a Filosofia, a História e a Sociologia da Ciência e da Tecnologia, os quais devem nutrir e fomentar nossa prática docente. Relevância que solicita um trabalho interdisciplinar, por meio das interfaces entre ensino de ciências e ensino de Filosofia. Se não nos cabe como filósofos e filósofas a árdua tarefa de desenvolver vacinas eficazes contra a Covid-19 e outras doenças, certamente nos cabe o papel de democratizar a



compreensão mais ampla possível daquilo que nosso conhecimento é capaz de construir. Nossas aulas podem ser um poderoso antídoto contra o negacionismo e suas variantes mais perversas.

Disponível em www.diplomatique.org.br

TEMA:

RECORTE TEMÁTICO:

TESE:

Introduções:

Comparação:

Dados científicos:

Definição:

Referência histórica:

Propostas

Proposta I

Apesar de ser um país com múltiplas expressões artísticas e culturais, o Brasil ainda enfrenta muitos problemas quanto ao acesso a esses bens. Segundo reportagem do Nexo¹, cerca de 32% da população depende da gratuidade para frequentar atividades ligadas à arte ou cultura. Segundo a pesquisa, cerca de 12 milhões de brasileiros nunca assistiram a um espetáculo teatral e 10 milhões nunca estiveram num museu. Esses números abarcam, inclusive, pessoas vivendo em grandes centros de produção cultural.

A partir da leitura dos trechos a seguir, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa. Os textos poderão servir como subsídios para a sua argumentação, mas não devem ser integralmente copiados.

Texto 1

"O site do Instituto de Arte de Chicago disponibilizou um acervo com mais de 52 mil imagens de obras de arte em alta resolução. Todas elas estão em Creative Commons, tipo de licença que permite a você compartilhar, baixá-las em alta resolução e, assim, dar uma pegada mais conceitual ao plano de fundo de seu computador ou celular, por exemplo.

A coleção pode ser acessada a partir de vários filtros - tudo está em inglês, mas a navegação, garantimos, é simples. Clicando na categoria "Mostrar Apenas" e selecionando a opção "Domínio Público", você pode explorar aspectos como as obra por data - o posto de mais antiga da lista é ocupado por um artefato de pedra esculpida encontrado nos Estados Unidos, que têm mais de 10 mil anos de idade. Há imagens de pinturas, ilustrações, gravuras, fotografias, esculturas e trabalhos em tecido. (...) (Revista Superinteressante, 09/11/18)

Fonte: < <https://super.abril.com.br/cultura/monet-van-gogh-picasso-52-mil-obras-de-arte-disponiveis-para-download/> > Acesso em 14 Mar.2019.

Texto 2

"Desigualdades no acesso à produção cultural:

- Entretenimento: a minoria dos brasileiros frequenta cinema uma vez no ano. Quase todos os brasileiros nunca frequentaram museus ou jamais frequentaram alguma exposição de arte. Mais de 70% dos brasileiros nunca assistiram a um espetáculo de dança, embora muitos saiam para dançar. Grande parte dos municípios não possui salas de cinema, teatro, museus e espaços culturais multiuso.

- Livros e Bibliotecas: o brasileiro praticamente não tem o hábito de leitura. A maioria dos livros estão concentrados nas mãos de muito poucos. O preço médio do livro de leitura é muito elevado quando se compara com a renda do brasileiro nas classes C/D/E. Muitos municípios brasileiros não têm biblioteca, a maioria destes se localiza no Nordeste, e apenas dois no Sudeste.

- Acesso à Internet: uma grande porcentagem de brasileiros não possui computador em casa, destes, a maioria não tem qualquer acesso à internet (nem no trabalho, nem na escola).” (UNESCO, sem data)

Fonte: < www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/cultura-and-development/access-to-culture > Acesso em 14 Mar. 2019.

Texto 3

“Para Ezequiel Ander-Egg (1987), o paradigma da democratização da cultura pretende ampliar o acesso do grande público à cultura e à vida artística, caracterizando-se por distribuir os benefícios da cultura para a população, mediante a difusão desde as instituições, e consistiria em proporcionar conhecimentos e serviços da elite cultural, buscando diminuir a desigualdade no acesso aos bens culturais, bem como ao patrimônio histórico. (...)”

O outro paradigma de política pública voltada para a cultura, a democracia cultural, teria a função de proporcionar a indivíduos, grupos e comunidades instrumentos necessários para desenvolver suas potencialidades culturais, com a possibilidade de os cidadãos participarem ativamente da vida social. Nesta perspectiva, a população se apropriaria de meios necessários para desenvolver suas próprias práticas, dinamizando a cultura local a partir de suas referências e não tendo como horizonte somente as práticas artísticas consagradas. O centro desta concepção tem a ver com a cultura local e autônoma, enfatizando-se a cultura realizada por todos. O mais importante passa a ser a participação na criação e nos processos culturais. Aqui, a cultura é vista como processo em que cada um possa conduzir sua vida de modo autônomo, com o fim de desenvolver o conjunto de suas potencialidades, com especial atenção à identidade cultural. Esta política busca valorizar as produções e ações culturais independentes, sem que o Estado interfira nas escolhas e nos fazeres de grupos e comunidades (ANDER-EGG, 1987, p. 41-45).”²

Fonte: <<http://polis.org.br/wp-content/uploads/192-674-1-PB.pdf>> Acesso em 14 Mar. 2019.

Texto 4



Fonte: <<http://meia-entradasim.blogspot.com/2008/12/charge-do-latuff.html>> Acesso em 14 Mar. 2019.





¹ Disponível em <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2018/07/25/O-que-esta-pesquisa-revela-sobre-o-acesso-%C3%A0-cultura-no-Brasil>> Acesso em 24 Mar. 2019.

² SOUZA, Valmir de. **Cidadania Cultural: entre a democratização da cultura e a democracia cultural**. Pólis. Ano 8, número 14, semestral, out/2017 a mar/ 2018, p. 97 - 107.

Comentário da Proposta I.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de identificar possíveis temas relacionados à **democratização da cultura**.

O Texto 1. fala sobre uma iniciativa de digitalização de acervo de museu. A internet se mostra, hoje, capaz de alcançar distâncias maiores, aumentando o conhecimento e acesso a locais e acervos que antes só poderiam ser vistos pessoalmente. Porém, o acesso à tecnologia e a barreira linguística - já que a maioria dos sites de museus do mundo estão em inglês - ainda podem ser entraves na democratização da cultura.

O Texto 2. apresenta dados acerca do acesso à arte e cultura no Brasil hoje. Fica evidente pelos dados que algumas questões se mostram como obstáculos nesse campo: a arte e a cultura ainda se encontram em espaços caros ou elitizados, o que afasta uma parcela da população desses ambientes; o tempo para ir a espaços de cultura é pequeno, dado o cotidiano de trabalho dos brasileiros; as desigualdades sociais ainda são um entrave no consumo de cultura, principalmente tendo em vista o papel da internet nesse campo.

O Texto 3. distingue dois conceitos: democratização da cultura e democracia cultural. Enquanto uma lida com a difusão, ou seja, o acesso ao consumo de cultura, a outra pensa nos processos produtivos. O autor fala sobre a ideia de que cultura seja vista como processo capaz de criar uma vida autônoma, além da possibilidade de constituição de identidades a partir da produção cultural.

O Texto 4. demonstra visualmente as dificuldades ainda encontradas no acesso à cultura. Fica claro que a classe social ainda é um dado definidor da possibilidade de consumo de bens culturais. Além disso, apesar de haver estratégias que diminuam o impacto financeiro do acesso às artes e à cultura - como a meia entrada - o sistema tende a criar impedimentos para que o direito seja usufruído.

Há uma série de teses que poderiam ser desenvolvidas a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- O papel da internet como possibilitador da democratização da cultura.

Possíveis argumentos: a internet permite acesso a conteúdo no exterior do Brasil; com mais acesso à internet, há mais facilidade de encontrar suas áreas de interesse, incentivando a vontade de consumir cultura; a internet facilita que artistas divulguem suas obras.

- A participação ativa na produção cultural como modo de ampliar o acesso.

Possíveis argumentos: maior diversidade entre os produtores garante obras mais diferentes entre si e, portanto, maior oferta de cultura; a originalidade dos temas atrai públicos diferentes; artistas de realidades periféricas costumam se preocupar com aumentar o acesso.

- A necessidade de igualdade social para que haja maior acesso à cultura.



Possíveis argumentos: ampliação do acesso à internet garante maior contato com cultura e a arte; o hábito de frequentar espaços de cultura também está ligado à classe; os museus precisam agir de modo a facilitar o acesso (horários, dias entrada franca em algum dia, etc.).

Proposta II

O termo “cultura pop” surge para dar nome às produções artísticas diretamente ligadas às criações com participação ativa do povo. Ela dialoga com grandes parcelas da população, pois tem uma linguagem e um modo de apresentar-se mais ligado ao campo de referências da população em geral – diferentemente das manifestações eruditas.

O conceito de “cultura pop”, no entanto, vai se modificando com o tempo. Hoje em dia, essa expressão se aproxima mais de produções que se tornam populares com grande rapidez e se mostram capazes de permanecer faladas e referidas por um bom tempo. Séries de tv, filmes, histórias em quadrinhos e produtos advindos das redes sociais são bons exemplos da cultura pop hoje. Muito da cultura pop é também fortemente ligada à estética americana, denotando que os Estados Unidos são, ainda hoje, o grande exportador de cultura e estilo de vida no mundo.

A partir da leitura dos trechos a seguir, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa. Os textos poderão servir como subsídios para a sua argumentação, mas não devem ser integralmente copiados.

Texto 1

“Quantas séries você está acompanhando atualmente? Quantas delas você acha importantes? Quantas continuará recordando com o passar do tempo? A seriefilia deixou de ser uma maldição para virar uma tortura que aflige até os mais fanáticos. Não é raro acabarmos chafurdando em conversas cheias de lamentações sobre o pouco tempo que temos para nos atualizar, como se estar em dia com os lançamentos fosse não mais um prazer, e sim uma exigência.

A pergunta é evidente: esse vício está nos destruindo? Já cansados da Igreja, do futebol e dos programas de celebridades, nós, da imprensa, temos de vez em quando a mania de coroar o novo ópio do povo. Fazemos isso inclusive literalmente, a tal ponto de que uma vez por ano costuma haver uma febre de artigos surpreendendo-se com a volta da heroína às ruas. Pode ser que meter As Séries – assim mesmo, com as devidas maiúsculas – nessa roda-gigante de clichês seja um absurdo, mas não é demais questionarmos o lugar que dedicamos a elas em nossas vidas. (...)” (El País, 01/02/2019)

Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/01/cultura/1517487686_366066.html> Acesso em 14 Mar.2019.

Texto 2

“Como sociedade, assim como indivíduos, nós somos influenciados pela cultura que nos rodeia, aquela que consumimos direta ou indiretamente. É por isso que é fácil ligar grandes eventos históricos à movimentos artísticos de sua época. Se focarmos em cultura pop/nerd, a grande era dos super-heróis teve início entre as duas primeiras guerras, e após a



Segunda Guerra Mundial. Quando eu era criança, lá na década de 90, eu sabia quem eram Super-Homem, Mulher-Maravilha e Batman, mas nunca tinha escutado falar do Homem de Ferro. Hoje as crianças nascem sabendo quem é o Homem de Ferro. A influência da cultura pop nas nossas vidas é algo indiscutível. E nós somos manipuláveis, toda a polêmica em torno das eleições norte-americanas, fake news e facebook estão aí para provar isso.

A cultura pop pode ajudar a moldar uma sociedade mais igualitária e mais empática, a gente já vê uma melhora na representação e no discurso de alguns grupos que antes eram contra representação e diversidade. Mas nem toda a influência é positiva. A cultura pop vende produtos em grande quantidade, e mesmo que nós não sejamos o alvo final, ainda assim nos tornamos consumidores ocasionais. E uma das coisas que a cultura pop vende, e muito, é a violência como espetáculo. Glamourizada, divertida, esvaziada de qualquer proposta de discussão, que serve apenas para ajudar o tempo a passar mais rápido e entreter um público que vai estar envolvido com os personagens e as explosões.” (Rebeca Puig, Vamos conversar sobre como consumimos violência na cultura pop?, Nebulla, 02/07/2018)

Fonte: Disponível em <<http://www.nebulla.co/conversar-sobre-como-consumimos-violencia-na-cultura-pop/>> Acesso em 18 Mar. 2019.

Texto 3

“Contos dos Orixás’ transforma divindades afro em super-heróis de gibi

Após financiamento coletivo, projeto de quadrinhos que busca quebrar preconceitos é lançado

Um homem negro, forte com superpoderes. Poderia ser o Pantera Negra, mas aqui é o Rei Xangô, protagonista de Contos dos Orixás. O livro (Graphic Novel) de 120 páginas traz histórias de mitos do povo Yorubá no estilo dos heróis em quadrinhos da Marvel. O projeto do quadrinista Hugo Canuto, 32 anos, começou em 2016. Primeiro, com pôsteres e revistas. Dois anos e meio depois, acaba de ficar pronta a história em quadrinhos com narrativas cheias de ação com Yemanjá, Iansã, Oxum e outros. O lançamento será em São Paulo, no CCXP (Comic Con Experience), no São Paulo Expo, na Rodovia dos Imigrantes, km 1,5, que acontece de quinta-feira (6/12) até domingo (9/12).” (EL País, 08/12/2018)

Fonte: Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/07/cultura/1544220206_964262.html> Acesso em 18 Mar. 2019.

Texto 4



Protesto “O conto da aia” em Santa Fe pelo aborto seguro, legal e gratuito na Argentina.
Fotografia: Agustina Girardo (Wikimedia Commons). Disponível em:
<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Agustina_Girardo_Intervenci%C3%B3n_t%C3%A9cnica_de_handmaid%27s_tale_en_Santa_Fe_4.jpg> Acesso em 3 jul. 2019.



Protestante vestido de V de Vingança no protesto durante reunião G20 em Londres, em 1º de abril de 2009. (2018, May 23).
Fotografia: Kashfi Halford (Wikimedia Commons).
Disponível em:
<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=File:G20_V_mask.jpg&oldid=302642390> Acesso em 3 jul. 2019.





Comentário da Proposta II

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de identificar possíveis temas relacionados a **cultura pop**.

O Texto 1. fala sobre a obsessão contemporânea em assistir séries. As narrativas audiovisuais seriadas parecem ter ganhado mais espaço atualmente, tanto na mídia como o cotidiano das pessoas. A portabilidade oferecida pelas plataformas de streaming de conteúdo também colabora para a maior difusão desses produtos. O texto questiona a presença que esses produtos têm assumido na nossa vida.

O Texto 2. aponta para a influência que a cultura pop assume nas nossas vidas. Ao mesmo tempo que a cultura pop tem sido um veículo de representatividade, criando personagens de etnias, gêneros e comportamentos diferentes do que sempre se fez, ela também produz conteúdo violento, que é consumido de maneira indiscriminada. De tempos em tempos, a discussão sobre a possível influência da cultura pop nos comportamentos violentos ressurge, principalmente ligada aos videogames.

O Texto 3. é uma reportagem relatando a criação de histórias em quadrinhos a partir da temática dos orixás. O texto aponta para as possibilidades artísticas que emergem quando se alteram os produtores das obras. A história em quadrinhos, de estética tradicionalmente ligada à cultura americana, pode se renovar nas mãos de criadores com outros campos de referência.

O Texto 4. comenta a extensão da influência da cultura pop no cotidiano, dessa vez, utilizada para dar voz a protestos. A partir da associação de comportamentos presentes nas narrativas de ficção com acontecimentos do cotidiano, muitas pessoas ressignificam a ideia de que o audiovisual seria uma atividade corriqueira, fútil. Por outro lado, levanta o questionamento da efetividade dos protestos, já que para serem completamente compreendidos, dependem do conhecimento compartilhado sobre as séries.

Há uma série de teses que poderiam ser desenvolvidas a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto, há dois grandes grupos de possibilidades:

- As séries influenciam a vida das pessoas positivamente.

Possíveis argumentos: as séries são uma maneira de adequar o consumo de cultura a um dia a dia corrido, pois são mais acessíveis; o seu crescimento incentivou um consumo maior de cultura, que se expandiu para outras áreas, como a manifestação política; a cultura pop deve se focar em buscar novas histórias, que contemplem narrativas diferentes das vistas até então.

- As séries influenciam a vida das pessoas negativamente.

Possíveis argumentos: o consumo acelerado de cultura não permite tempo para reflexão, nem da obra assistida nem da sociedade a partir dela; a exposição de comportamentos reprováveis ou violentos pode ser um possível incentivador da reprodução de violências no cotidiano; a linguagem facilitada das séries faz com que fiquemos acostumados ao não esforço intelectual; a vontade de reprodução daquilo que se assiste, espetaculariza o cotidiano, tornando as ações falsas no dia a dia.





Proposta III

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade formal da língua portuguesa sobre o tema:

A doação de órgãos no Brasil: desafios e soluções

Texto 1

O que é doação de órgãos?

Doação de órgãos é um ato nobre que pode salvar vidas. Muitas vezes, o transplante de órgãos pode ser única esperança de vida ou a oportunidade de um recomeço para pessoas que precisam de doação. É preciso que a população se conscientize da importância do ato de doar um órgão. Hoje é com um desconhecido, mas amanhã pode ser com algum amigo, parente próximo ou até mesmo você. Doar órgãos é doar vida.

O transplante de órgãos é um procedimento cirúrgico que consiste na reposição de um órgão (coração, fígado, pâncreas, pulmão, rim) ou tecido (medula óssea, ossos, córneas) de uma pessoa doente (receptor) por outro órgão ou tecido normal de um doador, vivo ou morto.

Disponível em: <saude.gov.br>

IMPORTANTE: O Brasil é referência mundial na área de transplantes e possui o maior sistema público de transplantes do mundo. Atualmente, cerca de 96% dos procedimentos de todo o País são financiados pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Em números absolutos, o Brasil é o 2º maior transplantador do mundo, atrás apenas dos EUA. Os pacientes recebem assistência integral e gratuita, incluindo exames preparatórios, cirurgia, acompanhamento e medicamentos pós-transplante, pela rede pública de saúde.

Disponível em: <saude.gov.br>.

Texto 2

Fatores impeditivos para doações

Contraindicação médica, parada cardíaca ou a não confirmação da morte encefálica são alguns dos motivos que impedem a doação de órgãos de pacientes identificados pelos médicos e enfermeiros como elegíveis por terem tido a chamada morte cerebral, que é a cessão de toda atividade cerebral de uma pessoa. Todos esses casos juntos, somados a outros menos recorrentes, representam 43% do total de causas para a não concretização da doação. Esta é a mesma porcentagem de casos em que a família do paciente com morte encefálica não permite a doação.

Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/>>



Texto 3



Discussão acerca do tema e da proposta

Falar sobre esse tema é uma oportunidade interessante para que você, nosso candidato, perca muitos mitos que se criam no Brasil com relação à doação de órgãos. Digo isso, porque, apesar do muito que ouvimos por aí, o país tem um excelente aproveitamento dos órgãos que podem ser usados em transplantes, contudo, infelizmente, essa quantidade não tem sido a suficiente para uma diminuição expressiva na fila daqueles que esperam por um órgão.

Essa discussão perpassa alguns temas que podemos considerar bastante polêmicos e que podem aparecer tranquilamente em sua redação. Vamos a eles. O primeiro deles é, sem dúvida alguma, a desinformação. Para muitas pessoas, o processo de retirada dos órgãos é um processo que mutila seus entes queridos. Nesse ponto, se incluem muitas pessoas que se colocam contrárias à doação por motivos religiosos, nosso próximo tópico. Além dessa forma de pensar, ainda convivemos com pensamentos de que os médicos aceleram o processo de morte de determinadas pessoas para que possam utilizar os órgãos em outras pessoas que estão na fila de espera. Para muitos, inclusive, existe, dentro dos próprios hospitais uma máfia de retirada de órgãos que se aproveita da bondade das famílias.

Além disso, para algumas denominações religiosas, a pessoa não pode abrir mão, por assim dizer, de nenhum dos órgãos e partes com que tenha recebido vida, pensando em um processo de ressurreição ou, ainda, de continuidade de vida por meio de reencarnação. Ainda que sem sustentação teológica para qualquer um desses lados, essa é uma visão bastante presente na sociedade brasileira, extremamente marcada pela religiosidade. Tal forma de





pensar atrapalha não somente aqueles que creem realmente nesse tipo de teoria, mas também aqueles que se deixam influenciar por mitos que são criados em meio à sociedade.

Claro que esses dois processos não são os únicos que atrapalham a doação de órgãos. Outro fator que muitas vezes atrapalha esse processo é a precariedade de nosso sistema de saúde. Apesar de o SUS ser uma das organizações mais sensacionais do Brasil, ainda que não perfeita, a falta de investimento em determinados aparelhos e infraestrutura mais direta faz com que, muitas vezes, os órgãos sejam perdidos pela falta de tempo hábil em retirá-los e transportá-los para outros locais. esse próximo ponto também é muito importante: o transporte e a utilização.

Como nem todos os hospitais estão habilitados para a retirada e o imediato uso dos órgãos, muitos se perdem em meio à burocracia que vai do convencimento da família para a doação até a retirada e transporte para o hospital habilitado a usá-lo. Como você pode perceber, são muitos os fatores relacionados a esse tema, né? Muita coisa que se configura como desafios para a doação de órgãos no país.

Aqui, valem algumas considerações com relação ao tópico frasal que traz o tema para vocês:

- o tema se centra especificamente no Brasil e esse recorte é essencial para sua redação, não se esqueça disso. Reforço essa ideia, porque nada garante que o ENEM tratará somente de Brasil, apesar de essa ser uma tendência do exame.
- é interessante notar que o Brasil tem um bom aproveitamento de órgãos e o seu desenvolvimento deverá ser pensado em como melhorar esse aproveitamento.
- você deverá abordar, em seu desenvolvimento, os desafios que a doação e o consequente aproveitamento de órgãos encontram no Brasil, sem, contudo, apresentar soluções obrigatórias já no desenvolvimento.
- suas soluções podem aparecer somente na proposta, sempre lembrando que essa poderá ser uma só solução para os dois problemas apresentados. Claro que você pode apresentar pequenas soluções como conclusão de seus parágrafos de desenvolvimento, contudo isso não é obrigatório, digamos assim.

Por fim, ao pensarmos em uma proposta de intervenção, podemos trabalhar com formas de educação da população, para que as pessoas compreendam que a doação de órgãos é imprescindível para a sobrevivência de muitas pessoas e, por isso, deve vencer determinadas barreiras. Cuidado, somente, para não falar sobre a religião alheia, porque isso causa problemas de ferimento dos direitos humanos e diminui o valor de sua redação.

Coletânea de textos

Os textos da coletânea apresentam uma visão bastante interessante com relação ao tema, podendo servir como direcionamento para vocês, corações. Busquem entendê-los como uma forma de indicação de caminho a ser seguido e nunca como possibilidades de cópia. Como apresentado a seguir, você pode, sem problemas, usar os dados constantes



principalmente no terceiro texto. Essa é uma utilização liberada pelo próprio INEP e indicada aos corretores.

Texto 01

- O primeiro texto pode ser entendido como um texto de incentivo para as doações de órgãos, dado que se sustenta inicialmente com a sensibilização.
- Em seguida, o texto apresenta rapidamente no que consiste a doação de órgãos, com a explicação dos tecidos e órgãos que podem ser aproveitados no processo.
- No box que compõe o final desse texto, temos a indicação de que o Brasil lida bem com esse processo de doação, sendo o SUS uma referência.
- Destaco a posição do país como o 2º que mais transplanta no mundo. Isso é importante demais.

Texto 02

- O texto apresenta os principais motivos médicos para a não doação, que se equiparam com os casos em que a família não autoriza.
- Ampliando a discussão, percebe-se que em muitos casos, como os de parada cardíaca, a demora na autorização do transplante acaba sendo fator de contribuição.
- Esses são desafios que podem, sem problema, aparecer em sua redação.

Texto 03

- No texto 3, temos referências a números relacionados às doações no Brasil.
- Esses números podem, sem problema, aparecer em sua redação, com a referência de onde foram tirados, não com referência ao texto da proposta, de forma alguma.

Tese e caminhos argumentativos possíveis

Com relação à tese dessa redação, é necessário que você, caro aluno, pense da seguinte forma: é necessário que sua tese caminhe para a ideia de que, apesar da importância e do volume de doações que temos no país, há muitos desafios a serem vencidos nesse assunto. É importante que destaquemos que esse caminho é necessário para que você apresente as soluções para eles. Então, coloque sua tese apresentando que o tema é problemático e precisa de ajustes.

Seus argumentos, então, podem ser, cada um deles pode ser um dos desafios apresentados no tema em nosso país, fazendo com que as resoluções sejam objetivas, bastante relacionadas aos argumentos que você apresentar. Acredito, inclusive, que o desenvolvimento desse tema consegue se dar de uma forma objetiva e clara, visto ele mesmo ser bastante objetivo e claro, além de muito presente na vida de todos.

Recomendo, contudo, que você tome cuidado ao apresentar argumentos que se relacionem à religião, visto que esses são pontos sensíveis que podem “resvalar” no ferimento da liberdade de cada um e prejudicar a sua nota na argumentação. Busque, se for citar a religião, apresentá-la somente como uma exemplificação, não fazendo dela o seu argumento principal. A seguir, apresentamos alguns argumentos que podem ser utilizados por você para o desenvolvimento do tema.



Possíveis argumentos para o tema

- A doação de órgãos é vital para a saúde de uma série de pessoas e deve envolver, por parte das famílias que liberam a utilização dos órgãos, um sentimento de empatia, dado que falamos em salvar vidas.
- Um dos desafios mais sério é a criação de uma série de mitos relacionados à doação de órgãos. Esses mitos passam, inclusive, pela ideia de que há uma “fábrica de mortes” nos hospitais públicos.
- Interessante destacar, ainda, que o Sistema Único de Saúde é um dos mais importantes sistemas de saúde do mundo, ainda que com arestas a serem acertadas. Inclusive, segundo os textos, 96% dos transplantes são feitos em nossa rede pública de saúde.
- A necessidade de celeridade na doação serve para que tenhamos um melhor aproveitamento dos órgãos.
- O papel governamental, nesse caso, seria o de garantir melhores condições para as doações e para os transplantes. Cuidado ao culpabilizar o governo pelo número reduzido de doações, visto que a doação é um direito individual.
- Cuidado, ainda, para não escrever um texto emotivo demais, colocando elementos menos objetivos, dado tratar-se de uma dissertação-argumentativa.

Repertório

Com relação ao repertório, por ser um tema extremamente objetivo e real, você pode se prender em exemplos bastante reais e passíveis de comprovação. Além disso, você pode usar os dados relacionados ao assunto como fundamentação para seus argumentos, sempre lembrando que você deve explorá-los em seus argumentos de forma produtiva. É uma forma mais objetiva de construção de argumentos, que combina diretamente com o que se espera do tema objetivo. Por fim, pode usar exemplos como o filme “21 gramas”, em que há uma relação interessante entre o doador e o receptor do órgão.

Proposta IV

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade formal da língua portuguesa sobre o tema:

A necessidade de inclusão digital do cidadão brasileiro**Texto 1**

Uma das belezas de a Rede Mundial de Computadores (*World Wide Web*) ter se consolidado em tão poucos anos é que seu criador, Tim Berners-Lee, segue vivo e trabalhando para que a internet alcance seu potencial transformador.

Berners-Lee está vivo, tem 61 anos e tem deixado bem registrado o que pensa sobre as mudanças de orientação da rede. Entre as características que ele defende é que a Web deve



permanecer aberta. Mas, infelizmente, essa é uma batalha que ele - e nós - estamos perdendo para interesses corporativos e ausência de um Estado eficaz em defender os interesses de grande parte da população.

O que Berners-Lee fez, em 1989, foi juntar a ideia de hipertexto com as ideias de Protocolo de Controle de Transmissão e Sistema de Domínios e Nomes e daí nasceu a *Web*, uma rede, uma teia, em que os assuntos vão se interligando, criando os mais diversos percursos de conhecimento possíveis. Infinitos.

Esta Web já não é realidade para muitas pessoas. Para boa parte do mundo “em desenvolvimento”, a internet é o Facebook, conforme aponta pesquisa, e isso não está acontecendo simplesmente apenas porque as pessoas são tragadas para o “livro das caras”, mas como resultado de uma escolha política e que deve se acentuar ainda mais no próximo período.

No caso do Brasil, o incentivo à política de massificação do acesso à conexão por meio da rede móvel reforçou e segue a reforçar o poder que fabricantes de *smartphones*, ou “espertofones” (mercado onde há acentuado duopólio) têm de escolher os aplicativos vencedores para serem embarcados por padrão, de fábrica.

Para se ter uma ideia do valor que sair embarcado de fábrica tem para uma plataforma digital, em janeiro de 2016, a *Bloomberg* teve acesso a documentos indicando um acordo entre *Google* e *Apple*, em 2014, em que a gigante *online* pagou 1 bilhão de dólares à *Apple* para se manter como buscador padrão nos *iPhones*.

Quando a navegação na *Web* se dá predominantemente por aplicativos - como é o caso dos sistemas operacionais móveis, até por conta da limitação de tela e desconforto de teclar - a chance de o usuário fugir dos apps “vencedores” é muito menor. Perdem os produtores de conteúdo que não têm recursos para criar seus próprios apps. Perde a diversidade e perde a economia do Brasil: a expectativa era de que, em 2016, o mercado global de aplicativos móveis atingisse 51 bilhões de dólares em receita bruta, em todas as lojas de aplicativos, de acordo com pesquisa da *App Annie*.

<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/a-inclusao-digital-no-brasil-serve-ao-consumo-e-nao-a-cidadania>

Texto 2





Tema e proposta

Nessa proposta, seu “trabalho” será problematizar sobre a chamada “inclusão digital”, um assunto extremamente contemporâneo, ainda mais em momentos de pandemia como o que vivemos. É interessante notar que o isolamento social, com afastamento das pessoas de suas atividades presenciais, mostrou que o Brasil tem um enorme abismo com relação ao acesso à internet, seja para fins de lazer, seja para fins educacionais ou de trabalho.

Essas informações entram em choque com o que normalmente se fala sobre a conectividade no Brasil. Como demonstra o texto 2, quase metade da população brasileira nunca usou a internet, o que “detona” a ideia de que há inclusão digital no país. Essa visão é essencial para a sua redação, visto que você, para resolver o problema posteriormente, na sua proposta, é necessário que você construa uma problematização. Assim, pode dizer claramente que o acesso no Brasil é desigual e que isso é um problema. Claro que, ao discutirmos a falta de acesso como um problema, estamos afirmando que a inserção da população é essencial para uma melhor participação social, por exemplo.

É claro para todos que vivemos em uma sociedade extremamente desigual socialmente e essa desigualdade se mantém para os elementos digitais, visto que a utilização de *smartphones* e outros aparelhos que permitiriam o acesso à internet não garantem tal acesso. Isso tem sido muito visto durante a pandemia, em que a maior parte dos estudantes de classes sociais menos privilegiadas de nossa sociedade. Pipocam notícias de alunos que não conseguem acompanhar as aulas, agora dadas à distância, por falta de conexão ou, ainda, por precariedade nas conexões de celulares.

Esse é um outro ponto que pode aparecer como um argumento transversal em sua redação: a qualidade da conexão no país. Segundo pesquisas realizadas pela ONU, o Brasil apresenta um dos acessos mais caros do mundo à internet, na mesma proporção da baixa qualidade de acesso. Outra reclamação constante nesse momento em que estamos em casa, utilizando a internet loucamente, por assim dizer, é a variação de sinal quando há uma utilização mais robusta desse mesmo sinal. É interessante que vocês citem esse fato. Claro que você deve tomar cuidado com esse tema para não ser o que você discutirá, mas utilizando-o somente como indicativo de sustentação, literalmente como o que chamamos de argumento secundário.

Outra informação importante, para você, é que, nesse caso, seus argumentos podem utilizar a noção estatal como um problema. Seguindo o pensamento do contratualismo do século XVIII, o Estado deve zelar pelo bem-estar da população. Na modernidade, há uma tendência para a migração de muitos serviços para o meio digital, assim, ao não prover a conexão para a população brasileira, o Estado deixa de cumprir com sua parte do “contrato”, considerado como tácito na relação entre Estado e sociedade. Ou seja, se o governo não garante um acesso a todos e, preferencialmente de qualidade, não garante o bem-estar social nesse momento.

Imagino que vocês devam estar se perguntando o porquê de eu considerar o acesso à internet como um direito da população. Aí, digo a vocês, não sou eu que considero. A própria legislação da internet no país considera esse como um direito. Se, contudo, você não quiser caminhar por essa seara legal, basta pensar como eu falei aí em cima: com o mundo inteiro conectado e a migração para o mundo virtual da maior parte dos serviços, não ter acesso à internet é não ter os direitos constitucionais plenos.



Com relação às propostas, nesse caso, dificilmente fugiremos dos clichês de investimentos governamentais e subsídios do Estado para que a internet seja barateada. Inclusive, você pode pensar na criação de parcerias público-privadas que funcionem como uma espécie de “bolsa internet” (pode usar o nome que eu deixo). Essas seriam feitas a partir de subsídios fiscais do governo, que dariam descontos em impostos para que as empresas ofertassem internet àqueles que não a tem, como vem acontecendo em muitos estados do país com relação aos estudantes durante a pandemia. Um exemplo é o Distrito Federal, que disponibilizou internet de graça para professores e estudantes da rede pública de ensino, com o objetivo de dar continuidade aos estudos durante o isolamento.

Coletânea de textos

Os dois textos motivadores apontam para problemas com relação à “distribuição” da internet no Brasil. Criada para ter uma utilização aberta e para todos, a internet tem, em seu criador, um dos mais empolgados defensores da popularização, tão complicada por envolver uma série de interesses e fatores econômicos. A concentração nos telefones inteligentes (bonito isso, né?) e sua utilização somente por meio de App atrapalham a popularização da internet, que envolve um mercado de bilhões de dólares. No texto gráfico, percebemos como é desigual o acesso à internet no Brasil. Inclusive, sobre esse último texto, vale destacar que os dados podem ser usados sem medo na construção de sua redação.

Texto 1

- Referência a Tim Berners-Lee, inventor da internet.
- Necessidade de se manter a internet aberta para todos, fato que não tem sido real.
- A virada da internet para as redes sociais.
- O “duopólio” dos fabricantes dos *smartphones* é marca do mercado no Brasil.
- É um dos mercados que mais movimenta divisas no mundo.
- Problemas de conexão.

Texto 2

- Gráfico resumo para o tema.
- Número grande de pessoas que nunca teve acesso à internet.
- Acesso massivo entre os pertencentes às classes A e B, confirmando a desigualdade social.
- Predomínio de acesso às redes sociais.
- Norte e Nordeste com pouquíssimos acessos.

Tese e caminhos argumentativos

Como destacamos desde o começo, nessa proposta, você deverá seguir o caminho da tese de problematização que aponta o acesso extremamente desigual da internet no Brasil, gerando problemas sociais e reforçando a desigualdade econômica que acomete o país, pois,



como percebemos no segundo texto, as classes A e B são as que mais conseguem acessar esse recurso, com baixíssimos acessos das classes menos privilegiadas. Esse é um retrato de como as coisas acontecem no país.

Inclusive, esse pode ser um ponto discutido no seu texto, visto que a classe social é determinante para o acesso à internet. É interessante, inclusive, que esse argumento seja usado, se você quiser, claro, em uma construção de argumentação causa e consequência. Gosto sempre de lembrar que essa é uma das formas argumentativas mais interessantes para o ENEM. Pense sempre nela como uma opção. As consequências são muitas, claro, como a diminuição das pessoas em processos cidadãos.



Diante disso, destacamos algumas ideias para direcionar a sua produção textual.

Argumentos possíveis para o tema
• A inclusão digital leva em consideração a classe social à qual o cidadão pertence, com clara utilização das classes A e B.
• A modernização utiliza-se cada vez mais da conectividade, fato que pode deixar as pessoas de fora de seus direitos.
• O pensamento da internet como um campo aberto à discussão é afetado claramente pela ausência de boa parte da população nas redes.
• A falta de acesso pode afetar diretamente a relação de direitos do cidadão, garantido pela CF/88.
• A desigualdade social tem reflexo no acesso à internet, reforçando a necessidade de uma divisão mais correta de renda no país.
• No momento de pandemia, a internet tornou-se meio de comunicação praticamente único entre as pessoas, inclusive para momentos de estudo.
• O desenvolvimento intelectual de muitos jovens poderia ser impulsionado, caso eles tivessem acesso ao conhecimento espalhado na rede.
• A modernidade tem, como uma de suas marcas, a queda de barreiras, fato que nos leva a perceber a necessidade de uma popularização do acesso à internet.

- Os dados serão seus melhores aliados nesse caso.
- Podem-se utilizar, ainda, muitos exemplos de pessoas que, sem acesso à internet, perdem oportunidades.
 - O momento de pandemia atual pode ser um exemplo interessante do uso da internet.
- Os contratuaisistas são bons repertórios para fundamentar o descaso governamental

Considerações finais

Não deixe de produzir as redações e enviá-las para correção. É **muito** importante que você não acumule redações para a última hora, pois não teremos tempo para corrigir. Você terá duas semanas para produzir seus textos.

Lembre-se sempre:

A REDAÇÃO VALE 20% DA NOTA DA PROVA DO ITA NA SEGUNDA FASE!
SEU DIFERENCIAL DIANTE DOS OUTROS CANDIDATOS PODE SER UMA BOA REDAÇÃO!

Na próxima aula, vamos começar a estudar o desenvolvimento argumentativo da sua redação. Na aula 02, nos debruçaremos sobre os tipos de argumentação possíveis.

Veremos então:

- Identificação das características dos gêneros;
- Temas ligados à tecnologia.
- Tipos de argumentação.

Até lá, procure ler textos relacionados a **tecnologia**. Assim, você já vai chegar na próxima aula com bagagem para construir argumentos para suas redações. Qualquer dúvida estou à disposição no fórum ou nas redes sociais.

Prof. Wagner Santos



Professor Wagner
Santos



@wagnerliteratura
@profwagnersantos

Versão	Data	Modificações
1	23/02/2021	Primeira versão do texto.

